
MINIS/ÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreiros



AS MUDANÇAS DO ADVENTISMO



Publicado pela Igreja Adventista do 7º Dia

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

As pessoas valem muito mais

Devia ser perto das duas da tarde. Estava terminando uma carta, antes de viajar. O avião partiria às 16h00 para São Paulo, e, de lá, para Santiago, onde teríamos o *REVIVE*. De repente, alguém bateu à porta de minha sala. Era o Pastor Wolff. “A que horas viajará?”, perguntou. Respondi, e me dispus a ouvi-lo. Pensei que estava querendo falar sobre algum plano ou algum outro assunto de trabalho. Mas ele disse que queria apenas orar comigo. Depois, enquanto nos despedíamos com um aperto de mãos, prometeu orar pelas campanhas evangélicas que eu realizaria nessa viagem.

Mais tarde, já no avião, lembrei-me do incidente. O presidente tinha entrado em minha sala somente para orar comigo. Ele não entrou para perguntar-me qual era a previsão de batismos, ou para saber se os pastores e leigos haviam realizado o trabalho de preparação, lá no Chile. Ele entrou só para orar e acho que aquele fato merece consideração, porque noutro dia um pastor experiente me perguntou com toda sinceridade: “O senhor não acha que devemos espiritualizar a Obra?” Tive que concordar que, de modo muito freqüente, corremos o perigo de sermos enterrados por uma pilha de regulamentos, procedimentos, votos, estratégias e alvos, esquecendo as coisas que são realmente importantes.

O que é mais importante nesta Obra? A missão? A estrutura? A infra-estrutura? Ou as pessoas? Qual é a missão da Igreja? Usar as pessoas para pregar o que a Igreja crê? Ou levá-las a refletir o caráter de Cristo de tal maneira que o mundo todo aceite a Jesus, e passe também a refletir Seu caráter?

Os estudiosos do comportamento humano dizem que na década de 60 as instituições deram muita importância ao *marketing*, ou seja, o nome, a imagem e a correta comunicação dessas duas coisas. Na década de 70, a produção centralizou as atenções. O que realmente importava era produzir mais. Na década de 80, a ênfase foi sobre a qualidade do produto; mas, segundo os mesmos estudiosos, na década de 90 terão sucesso os que derem atenção às pessoas. Isso não quer dizer que o *marketing*, a produção ou a qualidade não tenham lugar nestes tempos. Mas, em nenhuma outra época, o ser humano sentiu-se apenas um número ou uma ferramenta que é usada e depois deixada de lado. Por isso, as instituições, empresas ou a sociedade que na década atual se preocupam em fazer com que o ser humano se sinta compreendido, amado e estimulado, alcançarão significativamente seus objetivos.

Quer isso dizer que devemos prestar atenção ao que os estudiosos do comportamento humano dizem? São eles que devem orientar nossa linha de ação? Não! Eles apenas estão descobrindo hoje o que a Bíblia disse há muitos séculos.

Não existe nada mais precioso aos olhos de Deus do que o ser humano. Foi por ele que Jesus deixou tudo e veio ao mundo. Foi pensando nele que a cruz foi levantada no Calvário unindo o Céu e a Terra.

O que a pergunta daquele pastor queria dizer é se não devíamos preocupar-nos em fazer com que as pessoas se sintam como tais, e não objetos. Embora a pergunta não estivesse descrevendo um fato, com certeza estava descrevendo um perigo terrível que ameaça qualquer instituição. Inclusive a Igreja. Que deveríamos fazer então para não cair nesse perigo? Começar a cumprimentar e sorrir para todos, nos corredores dos nossos templos e instituições? Talvez isso contribua, mas o verdadeiro antídoto é a presença de Cristo em cada coração. Nunca poderemos aceitar as pessoas como são, se não entendemos que Cristo nos aceita da maneira como estamos, mas quer viver em nós Suas obras de vitória e refletir Seu caráter. Será difícil amar as pessoas se o amor de Cristo não formos constrangidos pelo amor de Cristo.

Depois da oração do Pastor Wolff, parti com alegria para o cumprimento dos compromissos evangélicos. Senti-me um ser humano compreendido. Meu presidente orou comigo e estaria orando enquanto eu, pelo Espírito de Deus, estivesse trabalhando para salvar almas.

Aquela oração me fez muito bem. – *Alejandro Bullón.*

MINISTÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obrigos

Ano 64 – Número 6 – Jan/Fev. 1994 – Periódico Bimestral
Uma Publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

2 AS PESSOAS VALEM MUITO MAIS

Alejandro Búllon

4 CARTAS

ENTREVISTA

5 “A CRISE NÃO É DESCULPA PARA O ATRASO”

Wilson Sarli

ARTIGOS

9 AS LIÇÕES DO CASO WACO - II

Caleb Rosado

15 AS MUDANÇAS DO ADVENTISMO

George Knight

23 A EPÍSTOLA A FILEMOM

Moisés Mattos

26 A PROPÓSITO DO SESQUICENTENÁRIO ADVENTISTA

Ronaldi Neves Batista

PASTOR

28 O QUE UM JOVEM ESPERA DO SEU PASTOR

E. M. Peterson

30 CELEBRAÇÕES

AFAM

31 ESPECIALMENTE PARA VOCÊ

Suzana Schulz

32 BIBLIOTECA DO PASTOR

Gerente Geral: Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Redator responsável:** Zinaldo A. Santos; **Diretor de Arte:** Erlo Köhler; **Diagramação:** Josias Silva; **Colaboradores Especiais:** Amasias Justiniano, Jaime Castrejón; **Colaboradores:** Wilson Sarli, Pável Moura, Jefé Carvalho, Moisés Batista de Souza.
Capa: A. Rios

Todo artigo ou correspondência para a Revista **MINISTÉRIO** deve ser enviado para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 – 70279-970 — Brasília, DF.

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Rodovia SP 127 – km 106 – 18270-000 – Tatuf, SP.

Ano novo, novo coração, novo rosto

A partir deste número, os leitores da revista *MINISTÉRIO* receberão uma revista substancialmente transformada. Estamos trabalhando com afinco para dar-lhes uma publicação de boa qualidade. Não se trata apenas de um novo rosto. Esperamos que a roupagem seja a expressão feliz de algo bonito que existe no seu interior.

Queremos fazer da revista *MINISTÉRIO* um instrumento não apenas de formação, mas também de informação. Haverá seções fixas a cada número, daqui para frente. Na seção de entrevistas, por exemplo, o leitor conhecerá como e o que pensam os nossos líderes, a respeito de vários temas. Pastores experientes, ou que estejam desenvolvendo um modelo especial de trabalho, também serão entrevistados, a fim de que possam partilhar suas idéias com os demais companheiros de labuta. Uma seção de apoio ao pastor, por sua vez, trará conselhos práticos sobre assuntos de interesse ministerial: pregação, aconselhamento, liderança, etc. A figura feminina não foi esquecida, especialmente em tempos de "Ministério da Mulher". Foi-lhe destinada uma seção permanente, sob a responsabilidade da Sra. Suzana Schulz, coordenadora da Área Feminina da Associação Ministerial, AFAM, para a Divisão Sul-Americana.

A revista, naturalmente, trará também artigos teológicos e pastorais, escritos por autores estrangeiros e do Brasil.

E mais. O leitor poderá tornar conhecida a sua opinião, através da seção "Cartas", que ocupará exatamente esta página. Também serão transmitidas informações a respeito de novos lançamentos de livros que serão úteis para enriquecimento da biblioteca pastoral. Como o pastor precisa estar sempre bem informado, através da revista *MINISTÉRIO* ficará sabendo detalhes a respeito de eventos e projetos relacionados com a Associação Ministerial, tais como concílios, congressos, cursos especiais, viagens de estudo, campanhas evangelísticas, programas de Educação Contínua e material técnico a ser usado em seu trabalho.

Enfim, nosso desejo é que a revista seja aguardada com expectativa pelos pastores sul-americanos.

Então, por favor, participe. Escreva, dê sua opinião, faça ressalvas, forneça sugestões, partilhe idéias, mande artigos, informe sobre programas que deram certo em sua igreja ou distrito. Sugira livros os quais você leu e acha que podem ser de interesse de todo o ministério. A revista é sua. Nós apenas coordenamos a sua produção para você, e faremos todo o possível para que ela não tenha simplesmente um ano novo, mas também um coração novo e um novo rosto.

Até a próxima.

Os Editores.

“A crise não é desculpa para o atraso”



O Pastor Wilson Sarli nasceu em Jaú, SP, no dia 10 de julho de 1929. Seus pais foram o Pastor Hermínio Sarli e Eulália M. Sarli. Após concluir a Faculdade de Teologia no Instituto Adventista de Ensino, o Pastor Sarli exerceu as seguintes funções na Obra adventista:

Obreiro bíblico (1956-1957); pastor distrital (1958-1960 e 1985); departamento J.A. e Educação, na antiga Associação Paulista (1961-1962); presidente da Missão Brasil Central (1963-1968); presidente da antiga Associação Paulista (1969-1976); gerente geral da Casa Publicadora Brasileira (1977-1984); presidente da Associação Catarinense (1986-1988).

Atualmente, além de secretário, tem sob seus cuidados a Associação Ministerial da União Sul-Brasileira. Por ocasião do Concílio Ministerial, realizado em Camboriú, SC, concedeu esta entrevista a Rubem Scheffel:

MINISTÉRIO: *Como, e em que ocasião, se sentiu chamado para o trabalho pastoral?*

WILSON SARLI: *Antes de mais nada, devo dizer que um chamado para o ministério da pregação é uma experiência excitante,*

inexplicável. É algo que se sente no lugar mais secreto do ser. Não é forjado pelo homem, porque manifesta-se motivado pelo Espírito Santo, do interior para o exterior e não do exterior para o interior. No primeiro caso,

prevaleceu o chamado divino; no segundo, a vontade humana.

Quanto a mim, antes de ir para o colégio (antigo CAB), já sentia algo que “falava” sobre o ser pastor, mas, na realidade, esse algo íntimo só tomou corpo e cresceu quando estava no colégio e estudava “aos pés” de consagrados mestres como Jerônimo Garcia, Siegfried Kämpel, Júlio Schwantes, Rodolpho Belz, e outros. Eram homens que, pela experiência que tinham, marcaram época na história da Igreja aqui no Brasil. Para eles, o mais importante não era tanto a erudição acadêmica, mas a pregação da Palavra na sua profunda simplicidade. No final de cada aula, a gente tinha vontade de deixar tudo e ir para o Campo. O ministério desses homens foi e continua sendo uma forte motivação para muitos obreiros.

MINISTÉRIO: *De todos os cargos ocupados, qual o que mais apreciou e por quê?*

WILSON SARLI: Essa é uma pergunta difícil de responder, pois sempre gostei do que fiz. Com a ajuda de Deus, procurei fazer de cada atividade um ministério, portanto, não havia motivos para gostar mais de uma e menos de outra. Gostei de todas.

MINISTÉRIO: *O senhor se considera plenamente realizado, ou ainda há alguma coisa que gostaria de fazer?*

WILSON SARLI: Exatamente no mês de fevereiro estarei completando 38 anos de ministério ininterrupto, dos quais 32 em departamentos e administração. Posso afirmar que, pelo que

Deus me permitiu realizar em todo esse tempo, e apesar de todas as minhas debilidades e limitações, sinto-me plenamente realizado. Entretanto, gostaria de ter podido levar a cabo uma porção de outros projetos e realizações que por motivos vários não foi possível. Sob esse aspecto, eu sou um obreiro insatisfeito.

Fico muito triste quando vejo obreiros que se satisfazem com a mera realização do óbvio, do comum, do rotineiro, que não vão além da primeira milha. Estão sempre com medo de errar, são muito cuidadosos e nunca realizam nada. Temos de ter uma visão ampla da Obra de Deus, especialmente nestes tempos de Missão Global.

MINISTÉRIO: *Qual a experiência mais marcante do seu ministério?*

WILSON SARLI: Cada aspecto do meu ministério tem uma experiência que se destacou, tanto no evangelismo como no pastorado distrital e nos departamentos. Mas, na área administrativa, o que realmente me empolgou e me marcou foi o projeto da transferência da Casa Publicadora Brasileira, de Santo André para Tatuí, apesar dos aparentes intransponíveis obstáculos, e um deles era a inflação. Acontece que se fôssemos esperar a inflação baixar, estaríamos esperando até hoje, e não posso nem imaginar o que seria da C.P.B. continuando onde estava. Quer alguns creiam ou não, as gran-

des coisas que foram feitas para Deus e Sua igreja no decorrer da História, foram feitas em tempos de crise. A crise não deve ser usada como desculpa para não se fazer nada e atrasar o desenvolvimento da Obra de Deus.

MINISTÉRIO: *Fale das alegrias do seu ministério (ou das vitórias e frustrações).*

O ministério consiste numa alternância de alegrias e tristezas, vitórias e frustrações. Deus é o autor das alegrias e vitórias.

WILSON SARLI: O ministério, no seu todo, consiste numa alternância de alegrias e tristezas, vitórias e frustrações. Porventura não foi essa a experiência dos apóstolos e, destacadamente, de

Paulo? Entretanto, uma alegria no ministério ofusca toda e qualquer decepção que venha a acontecer. As alegrias e as vitórias sempre são proporcionadas por Deus; em contrapartida, as frustrações, tristezas e decepções são proporcionadas pelos homens. Sempre pelos homens.

Falar destas situações antagônicas seria muito difícil. Apesar de, às vezes, naqueles momentos de depressão, termos a tendência de nos lamentar, pois somos humanos, eu prefiro dizer que o ministério foi e continua sendo a gozosa realização de minha vida, pois, na expressão do Pastor Roy A. Anderson, "o ministério deve ser mais do que uma maneira de ganhar a vida. Deve ser o único modo pelo qual um homem possa viver".

MINISTÉRIO: *O senhor sempre aceitou todos os chamados?*

WILSON SARLI: Sim. Aceitei. Apesar de não ter feito aquele propósito de que aceitaria todo e qualquer chamado que me fosse feito. Eu não creio que devemos aceitar a todos os chamados que nos chegam. Deus nos dá a faculdade da razão e o direito de escolha. E a Obra também. Quando recebemos um chamado, devemos falar com Deus e solicitar a ajuda do Espírito Santo para que tomemos a melhor decisão. É possível que em alguma ocasião Ele irá nos dizer que devemos aceitar e, em outras, que não devemos aceitar. Se, de antemão, eu fi-

zer um propósito de aceitar automaticamente todos os chamados que receber, não precisarei orar pedindo a orientação divina. A minha decisão já foi tomada sem dar chance ao Espírito Santo. No meu caso, sempre decidi quando tinha o chamado em mãos. Aí então eu orava, pedindo a orientação divina. Acontece que nessa fase de decisão, eu sempre me sentia mais tranqüilo e em paz ante o pensamento de aceitar do que o de não aceitar. Então, aceitei-os todos.

MINISTÉRIO: *Houve algum modelo humano que o inspirou a ingressar na Obra?*

WILSON SARLI: Sim, houve. Em primeiro lugar, meu pai, o Pastor Hermínio Sarli, que sempre procurava inculcar em nossa mente que ser um obreiro na Causa de Deus era a coisa mais sublime que alguém poderia alcançar. Mas, também meus professores de Teologia, alguns dos quais mencionei anteriormente, fizeram crescer dentro de mim este ideal.

MINISTÉRIO: *O que o motivou a escrever o livro "Colportagem", em comemoração aos cem anos da Obra de Publicações no Brasil?*

WILSON SARLI: A motivação principal foi ajudar no recrutamento de novos colportores. Ao contrário de alguns, eu penso que maiores coisas Deus tem reservado para o ministério das publicações neste final de século. Se cremos, realmente, no que escreveu Ellen White, então temos que apoiar esse trabalho até às últimas consequências, não medindo sacrifícios para que ele retorne o lugar que sempre mereceu no plano de Deus. É uma força missionária que não pode ser subestimada, especialmente no contexto da Missão Global.

MINISTÉRIO: *Faça uma avaliação do púlpito adventista na atualidade.*

WILSON SARLI: Durante as comemorações do Ano do Pastor (1993), eu disse que deveríamos aproveitar a motivação para re-

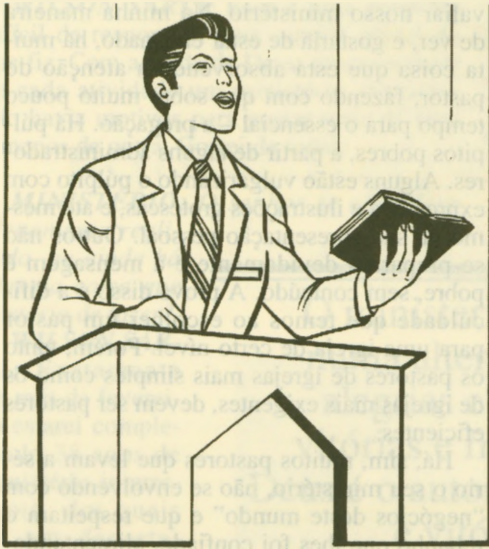
valiar nosso ministério. Na minha maneira de ver, e gostaria de estar enganado, há muita coisa que está absorvendo a atenção do pastor, fazendo com que sobre muito pouco tempo para o essencial – a pregação. Há púlpitos pobres, a partir de alguns administradores. Alguns estão vulgarizando o púlpito com expressões e ilustrações grotescas, e até mesmo na sua apresentação pessoal. Outros não se preparam devidamente e a mensagem é pobre, sem conteúdo. A prova disso é a dificuldade que temos ao escolher um pastor para uma igreja de certo nível. Porém, tanto os pastores de igrejas mais simples como os de igrejas mais exigentes, devem ser pastores eficientes.

Há, sim, muitos pastores que levam a sério o seu ministério, não se envolvendo com “negócios deste mundo” e que respeitam o rebanho que lhes foi confiado, alimentando-o devidamente. Entretanto, devemos reconhecer que é imperativo um reavivamento entre nossos ministros, no sentido de melhorar a nossa pregação, eliminando tudo aquilo que não é essencial. Temos que revitalizar o nosso ministério e pregar no poder do Espírito Santo.

MINISTÉRIO: *O que vem a ser um obreiro bem-sucedido?*

WILSON SARLI: Um obreiro bem-sucedido é aquele que pauta o seu pastorado pelo exemplo do Sumo Pastor. O seu sucesso consiste em não ter outras opções de vida. Mede-se pelo sucesso de Jesus, quando, ao ver os resultados de seus esforços aliados ao auxílio do Espírito Santo, sente-se satisfeito. Esse sucesso torna-se cada vez mais expressivo, à medida em que vidas vão sendo transformadas pelo poder de Jesus, sendo ele um de Seus instrumentos em ganhar almas. O êxito de um obreiro está vinculado à sua própria experiência, resultado de uma vida transformada pelo convívio diário com as Escrituras e com Cristo.

MINISTÉRIO: *O senhor acha que a*



Missão Global é mais um "slogan" ou é um programa que vai concluir a Obra?

WILSON SARLI: Creio sinceramente que a Missão Global é um programa de Deus, à disposição da Igreja para a conclusão da Obra do Senhor. Para a Missão Global, os grandes desafios são uma projeção dos desafios que me cercam, no meu pequeno mundo, com todas as suas necessidades. Assim, os desafios de evangelização começam aqui, para alcançar os confins do mundo.

MINISTÉRIO: *De que modo a Associação Ministerial pode ajudar o pastor? Acha que ela está cumprindo o seu papel?*

WILSON SARLI: O secretário ministerial é o pastor dos pastores. À frente da Associação Ministerial de qualquer nível, sempre deveria estar alguém que seja respeitado, acatado, sem restrições, cuja vida ministerial não seja questionada. Um homem que, pela respeitabilidade e capacidade, possa ajudar aos ministros em seu desenvolvimento, conduzindo-os, pelo seu exemplo, a uma relação pessoal com Jesus e a uma concepção bem clara do que significa ser um pastor. Que tenha condições inerentes de fortalecer a fé dos ministros adventistas. Deve ser dotado de um mínimo de cultura, que não envergonhe nem os pastores nem a Igreja, quando tiver que defender princípios doutrinários em qualquer lugar e perante qualquer pessoa. Além do mais, deve ser uma pessoa de credibilidade entre o corpo ministerial.

Que, ao se levantar para falar aos ministros, seja ouvido com atenção, respeito e silêncio, e que quando terminar de apresentar sua mensagem, os pastores tenham ouvido algo que lhes falou ao coração, que lhes infundiu uma nova motivação para um ministério mais dedicado e consagrado.

Os pastores necessitam sempre de um ministerial conselheiro e de muita confiança, ao ponto de um pastor em crise não titubear em buscá-lo, se necessário. Para essa função, não é preciso e nem importante alguém que faça barulho e estardalhaço em seus sermões, mas que seja sóbrio, que dignifique o púlpito, que use a linguagem própria de um pregador do evangelho, que possa dizer como Paulo: "Sejam meus imitadores como eu sou de Cristo". Impossível? Não. Não só não deve ser impossível, como deve ser necessário.

Agora, se a Associação Ministerial, nos diversos níveis, está cumprindo o seu papel, cada pastor poderá tirar as suas conclusões. Conheci um ministerial, há algum tempo, que ao cumprimentar um pastor perguntava-lhe antes pelos batismos, sem nada mencionar sobre a esposa e os filhos. Eu creio que cada coisa tem o seu lugar e momento certos. Creio que numa visita ministerial não devemos misturar assuntos administrativos. O ministerial está ali como pastor e não como administrador, em que pese o fato de que o administrador deve também agir como pastor. Está ali para aconselhar, animar, ajudar espiritualmente ao pastor e sua família. Nada de avaliação.

Nosso principal objetivo como ministeriais é incentivar a vida espiritual dos pastores e suas famílias, e ajudá-los a desenvolverem um programa bem equacionado de trabalho, devoção pessoal, tempo para a família e recreação.

MINISTÉRIO: *Que conselho daria a um aspirante ao ministério?*

WILSON SARLI: Se você sente que foi chamado por Deus, entre no ministério com alegria. Seja sempre um servo pronto a servir e um discípulo pronto a aprender. Cuidado com a erudição demasiada que ofusca a beleza do evangelho. Pregue a Bíblia com clareza e simplicidade, sem afetação, preocupado em que suas mensagens alcancem fundo e diretamente o coração dos seus ouvintes. Ame o rebanho que Deus lhe confiou. Visite-o. Assista-o.

As lições do caso Waco – II

CALEB ROSADO

*Professor de Sociologia na Humboldt State
University, Califórnia, EUA.*

Enquanto as autoridades americanas investigavam através dos destroços do confuso reino de Koresh, os cristãos, especialmente os adventistas, começaram a fazer sua própria autópsia da tragédia. Embora a Igreja Adventista do Sétimo Dia não tenha nenhuma conexão com o fanático movimento davidiano, a inescapável realidade é que muitos membros do grupo possuíam antecedentes adventistas, inclusive o próprio Koresh.

O que teria contribuído para que esses adventistas se tornassem vulneráveis ao fogo fatal do fanatismo? São necessárias essas lições, a fim de que o nosso povo esteja protegido contra futuros enganos? É o que veremos nesta segunda parte do artigo iniciado no número anterior.

Membros vulneráveis

ORamo Davidiano foi o único entre os cultos que emergiu de uma seita, que, por sua vez, originara-se de uma outra. Algumas características do grupo identificam-se mais com as seitas: forte ensinamento bíbli-

O Ramo Davidiano possuía características de seita e de culto. Em virtude deste duplo *status*, ele atraiu tanto pessoas de classes social e economicamente inferiores, como os, privilegiados da sociedade, intruídos e materialistas.

co, sentimento de serem eles os únicos possuidores da verdade, e de serem os únicos verdadeiros seguidores de Deus. Mas também há características cúlticas: Koresh acreditava ser Jesus. Conferiu-se o direito de possuir muitas esposas e era um obsecado por luxo e riquezas.

Em virtude de que seita e culto diferem no modo como respondem ao processo de secularização, não atraem o mesmo tipo de membros. As seitas tendem a atrair classes social e economicamente inferiores, a plebe e, especialmente, os novos convertidos. Já os cultos atraem pessoas dentre os mais privilegiados da sociedade, os intruídos, os materialistas e que não estão interessados, a princípio, em organização religiosa. Justamente por causa deste duplo *status* de seita/culto, foi que o Ramo Davidiano atraiu pessoas dos dois grupos. De acordo com depoimentos obtidos de ex-membros, é possível estabelecer um quadro interessante:

1. Antecedentes – O Ramo Davidiano era uma ramificação dos davidianos originais, que saíram da Igreja Adventista do Sétimo Dia em 1930. A conexão histórica é importante, porque a missão do grupo não era salvar o mundo, mas reformar a Igreja

Adventista, a qual eles tacharam de “babilônia”, lançando muitas de suas profecias contra ela.

2. Ênfase apocalíptica – Desde seus primórdios, a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem enfatizado a mensagem profética. Isso pode ser comprovado não apenas no trabalho de Ellen White, mas no próprio conceito de que é uma Igreja comissionada por Deus para proclamar as profecias escatológicas de Daniel e Apocalipse.

Sempre que uma igreja experimenta um elevado grau de envolvimento mundano e organizacional, a ponto de negligenciar sua mensagem, surgirão reformadores buscando recolocá-la nos trilhos. Um número crescente de “ministérios independentes” desafia atualmente a Igreja Adventista. Muitos deles são benéficos, mas alguns estão se afastando, na tentativa de reformá-la. Uns poucos grupos separados focalizam sobre o que eles entendem ser uma interpretação correta das profecias.

Por causa da ênfase profética adventista, particularmente as profecias de Daniel e Apocalipse, não surpreende que muitos conversos do Ramo Davidiano e grupos semelhantes possuam antecedentes adventistas.

3. Marginalizados na igreja – Muitos dos que aderem a novos cultos e seitas são indivíduos ultraconservadores. Alimentam alguma queixa contra o sistema e uma visão negativa a respeito da liderança da Igreja anterior. Alguns deles experimentam um sentimento de impotência social e espiritual. Sentem que a velha organização não satisfaz suas necessidades. Também reagem contra a complacência, a mundanidade e a visão liberal que dizem ver na igreja. Acreditam que os padrões são rebaixados e desejam reverter o processo de secularização.

Evidentemente os cristãos devem estar empenhados para que os requerimentos do evangelho não sejam rebaixados. Mas o que diferencia os membros de um culto ou seita de um crente sadio, é um inflexível e recalcitrante sentimento de justiça própria, e de que todo aquele que não concorda com suas idéias está errado. Enfatizam o pecado acima do amor. O *status* social e espiritualmente marginalizado de tais pessoas na igreja, freqüentemente resulta em uma aura negativa que as engole, em virtude da ênfase perfeccionista. Quando uma nova seita é formada, o perfeccionismo leva à cisma. Afinal, gente

perfeita não pode tolerar gente imperfeita. Lembram um recém-converso em seu desenvolvimento moral e espiritual. Imaturo e susceptível a todo vento de doutrina (Efés. 4:14).

4. Pessoas carentes – Pesquisas sociológicas concluem que “o fator crucial que leva pessoas a uma nova religião é o desenvolvimento de laços sociais com membros dessa religião”.¹ Freqüentemente nós pensamos que a doutrina é o primeiro ponto de atração para esses conversos. Mas as pesquisas mostram que, não raro, os laços de amizade são a base primária de conversões. Em lugar de serem atraídas principalmente por causa do apelo doutrinário, as pessoas aceitam a doutrina por causa do relacionamento com o grupo.²

Indivíduos carentes de amizade e fortes laços de afeição interpessoal com membros de uma organização religiosa são vulneráveis ao recrutamento feito pelos membros de um grupo separado. Isso não significa que eles sejam anormais. A lavagem cerebral por trás do recrutamento é muito forte.³ As pessoas que se juntam a um novo culto o fazem porque suas necessidades espirituais não estão sendo satisfeitas pela organização existente. Elas acham o calor e a amizade dos membros da seita ou culto atrativos para suas necessidades espirituais. De adordo com Stark e Bainbridge, histórias de lavagem cerebral são populares na mídia porque elas absolvem as pessoas de terem feito mau discernimento ao se unirem a um grupo separatista.⁴ Pessoas que não recebem apoio para suas idéias, e que especialmente carecem de atenção, podem ser atraídas pelo afeto dos separatistas.

5. Submissão a uma autoridade carismática – Vivemos numa época confusa, que também é bíblicamente ignorante – apesar da larga difusão da Bíblia. Em tal tempo, de grandes mudanças sociais e questionamento de valores morais e espirituais, as pessoas estão buscando estabilidade. Isso requer reflexão saudável. Mas a televisão, os filmes, videocassete e divertimento sufocam o pensamento individual. Oferecem respostas para situações que aparentemente são muito complexas para serem resolvidas individualmente.

Em tempos de grande confusão e mudanças, as pessoas sentem uma necessidade de forte liderança espiritual. Isso explica porque igrejas conservadoras estão crescendo. Dean Kelly diz que “as organizações fortes

são ortodoxas”.⁵ Em uma economia de mercado, como em qualquer outra coisa, as pessoas avaliam a religião em termos de quanto ela custa – se esse custo é pequeno, será avaliada por baixo. Se for alto (em termos de tempo, esforço, investimento e sacrifício) será grandemente avaliada. Rodney Satrk e Roger Finke falam claramente: “as organizações religiosas são fortalecidas na medida em que impõem custos significativos em termos de sacrifício e ainda conseguem manter seus membros”.⁶

Isso significa que em tempos confusos as pessoas querem que outros pensem em seu lugar. Essa atitude lhes poupa o risco de fazerem decisões erradas. Tira-lhes a responsabilidade pessoal de suas ações. Fa-

zem simplesmente o que lhes dizem para fazer. Aí está a razão pela qual quando uma pessoa desiste de um culto, alega lavagem cerebral. Novamente, nesse caso, o senso de responsabilidade por seus atos é removido. Ninguém gosta de admitir que errou.

No filme *The Wave*, cujo enredo é como fazer uma sociedade facista, o líder declara a um amigo: “É espantoso como eles gostam que você decida por eles.” Quando um líder forte e persuasivo, como Hitler, Jim Jones ou Koresh, aparece, a quem eles atraem? O simplório, o ignorante, ou aqueles que buscam soluções fáceis para problemas complexos. A decisão de unir-se a eles é reforçada quando eles são levados a crer que agora se tornam parte de um movimento que terá significado na História mundial. Tomar-se algo que transcende o mundano é a força mais sedutora. O povo morre por ela! É esse o testemunho dos mártires, não apenas da história do cristianismo, mas também na conflagração final do Ramo Davídico.

6. Nível de educação – Muitas pessoas que passam para novas seitas em geral possuem um baixo nível de educação, *status* econômico inferior e antecedentes de classe operária. Essas pessoas acreditam

que não precisam de muita educação, especialmente aquela obtida em escolas mundanas, para compreender a mensagem do Senhor. Elas supõem que quanto menos alguém é influenciado pela filosofia mundana ou pela visão humanística, o seu interesse é pela verdadeira educação do Espírito Santo.

Aqueles que se unem aos cultos, entretanto, possuem características diferentes. Uma

vez que o culto assume uma nova visão religiosa, ele frequentemente atrai pessoas à margem das religiões organizadas ou que deixaram a igreja. Muitos dentre esses são educados, bem situados profissionalmente. Alguns conversos de cultos tornam-se para a religião depois que a ciência fa-

lhou em responder questões básicas a respeito da vida, como imortalidade e eternidade. Ricos e pobres necessitam da religião para encontrar o significado da vida.

Quando as pessoas deixam a igreja, a inovação religiosa através da formação de cultos abre o caminho de oportunidade para satisfação de suas necessidades. Assim, o socialmente confortável, que deseja da vida mais do que abundância material, volve-se para o culto em busca de idéias novas que expliquem o mistério da existência. Frequentemente substituem ganho por profecias e profetas. Encontrar alguém que pode dar o tempo e a data do fim do mundo, quando muitos de nós nada sabemos sobre o amanhã, é tudo para algumas pessoas. Não devemos nos surpreender de que muitas pessoas de nível universitário tenham sido encontradas entre os seguidores de Koresh.⁷ Tudo isso alinha com o tipo de pessoas atraídas aos cultos.

7. Autoridade em lugar da Escritura – Indivíduos preocupados em reformar a Igreja e em orientar a vida de outros querem uma clara voz de autoridade – “assim diz o Senhor” – em suas vidas. Acham insuficiente o testemunho de orientação contido na Palavra de Deus. Para eles, a Bíblia não

**Pessoas carentes
de amizade e forte laços
de afeição interpessoal,
numa comunidade religiosa,
são vulneráveis ao
recrutamento feito
pelos membros de um
grupo separatista.**

é bastante específica, e é muito aberta a interpretações. Ele querem algo mais detalhado, sem ambigüidades, claramente decifrado, e menos confuso. Os judeus dos dias de Cristo tinham o *Mishnah*, os mórmons possuem o *Livro de Mórmon*, e os adventistas do sétimo dia têm os escritos de Ellen White.

Adventistas atraídos por ensinamentos de seitas e ministérios independentes encontram mais conforto nos escritos de Ellen White que na Bíblia. Eles consideram esses escritos menos abertos a más interpretações e de fácil compreensão. Mas isso é porque procedem uma leitura seletiva – lêem aquilo que concorda com suas interpretações preconcebidas. Quando uma seita envolve-se com um culto, como aconteceu com o Ramo Davidiano, ainda assim, aqueles escritos tornam-se abertos a más interpretações. Então seus adeptos sentem a necessidade da palavra viva de um profeta (o líder), palavras e ensinamentos que resultam de valor igual ou superior ao da Bíblia. A interpretação que o líder faz da Bíblia torna-se agora o novo padrão de comportamento e doutrina. E os membros são desencorajados de investigar as Escrituras por si próprios. Foi o que aconteceu com o catolicismo romano na Idade Média, antes de Lutero traduzir a Bíblia para o idioma alemão.

8. Desejo de poder – Pessoas carentes de poder moral e social em uma respeitável organização, sempre vêm em uma seita ou culto uma oportunidade para explorar a simplicidade espiritual de outros em proveito material próprio. São líderes em potencial que se juntam ao grupo e logo assumem o seu comando. Espertalhões e espoliadores. Jim Jones, a família Roden e David Koresh careciam de reconhecimento e respeitabilidade na organização da qual eles saíram e voltaram-se ao culto para seus poucos minutos de glória.

9. Pequenos grupos sem liderança oficial – Um lugar onde doutrinas e ensinamentos subversivos encontram uma audiên-

cia receptiva são as pequenas igrejas que não possuem líderes; ou, se existe um líder, ele não é confiável. Há muito tempo, Salomão declarou que “onde não há profecia o povo se corrompe” (Prov. 29:18). O fenô-

meno de falta de liderança oficial abre a oportunidade para espertalhões aproveitarem a brecha e ocuparem o vazio. O apóstolo Paulo aconselhou: “Para que não mais sejamos como meninos, agitados de um lado para outro, e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos

homens, pela astúcia com que induzem ao erro” (Efés. 4:14).

Em vista desta dinâmica na vida das pessoas que as torna susceptíveis aos cultos, o que pode a igreja fazer para dissuadi-las de seguir cegamente o engano?

Prevenindo o caos

Uma clara exposição do problema, como temos feito neste artigo, ajuda a descobrir caminhos de ação que a igreja deve seguir para prevenir o caos espiritual. Desafortunadamente, é mais fácil falar a respeito deles do que segui-los. São simples, mas a oposição pode dificultar a sua implantação.

1. Reaquecer a congregação local – A frieza é a principal característica de muitas igrejas hoje. H. M. S. Richards, fundador do programa *A Voz da Profecia*, sugeriu certa vez que algumas igrejas são tão frias que alguém pode até patinar no gelo dos seus corredores. Eu não acho que nossas igrejas sejam muito calorosas hoje. Os corações humanos necessitam tanto do caloroso amor de Jesus, que no momento em que visitantes e membros chegam à igreja eles devem se sentir bem-vindos. Isso pode ser feito através de recepcionistas simpáticas, registro no boletim, enfim, pelo próprio pastor e pelos membros.

Walter Douglas chama esse assédio de “amoroso tumulto”. Outros o denominam de

Muitos entram
em nossas igrejas solitários,
marginalizados, famintos de
afeição e atenção pessoal.
Numa época de fria
alta tecnologia, as pessoas
necessitam do
alto toque do amor.

“bombardeio de amor”. E eu não encontro nada errado nisso, desde que seja feito com sinceridade e brote do coração. Talvez seja por falta de algo assim que tão poucas pessoas estejam voltando ao redil.

2. Estabelecer fortes laços afetivos – Se o desenvolvimento de sociabilidade é o fator mais crucial no processo de conversão, por que deveríamos deixar que os cultos sejam mais engenhosos nesse aspecto do que nós? Amizade era o método de Cristo e o único bem-sucedido. “Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo. O Salvador misturava-Se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: ‘Segue-Me.’”⁸ A fórmula do sucesso é simples:

Sociabilidade – “O Salvador misturava-Se com os homens...”

Simpatia – “Manifestava simpatia por eles...”

Serviço – “Ministrava-lhes às necessidades...”

Salvação – “Ordenava então: ‘Segue-Me.’”

A combinação dos primeiros três itens resulta em confiança. Uma vez que a confiança de uma pessoa é ganha, então a salvação lhe pode ser oferecida. Lamentavelmente, em geral começamos com o quinto item, sem construir amizade e laço afetivo. E ainda nos surpreendemos de que o povo não responda. A verdade é que a mudança é feita mais em virtude do método do que da mensagem. Quando o método atrai a atenção, pela amizade, as pessoas ouvirão o que temos a dizer-lhes. É exatamente o que Ellen White afirmou quando nos aconselhou a sermos ternos, corteses e bondosos.

Muitos entram em nossas igrejas solitários, marginalizados, famintos de afeição e atenção pessoal. Numa época de fria alta tecnologia, as pessoas necessitam do alto toque do amor. Os cristãos necessitam fazer do mundo um lugar de amor.

3. Mensagem forte e balanceada – Devemos pregar o evangelho e profecias tendo a Cristo como o centro. Isso faz-nos lembrar de que o livro do Apocalipse é a revelação de Jesus Cristo. Nossa pregação deve causar nas pessoas a impressão e a compreensão de Cristo como o centro de tudo. E não algo negativo, imagens depressivas, que deixam as pessoas sem esperança e desencorajadas.

4. Pregação bíblica – A igreja não possui duas autoridades, mas apenas uma – a Bíblia. Os escritos de Ellen White existem para guiar-nos à Bíblia, não para tomar seu lugar. Em muitos púlpitos adventistas e classes da Escola Sabatina, os visitantes ouvem mais o nome de Ellen White que o de Jesus Cristo. Seus escritos são citados mais freqüentemente que a Bíblia. Fomos chamados a pregar primeiro a Cristo, não Ellen White. Seus escritos devem promover a Cristo.

No sábado pela manhã, Cristo deve ser o foco central de tudo o que a igreja faz. Durante as reuniões semanais podemos estabelecer classes de estudo sobre o Espírito de Profecia e sua importância para o bem-estar da igreja. Mas quando nós fazemos de Ellen White a principal autoridade na igreja, tornamo-nos culpados de abuso do dom. Muitos jovens adventistas não conhecem a Bíblia e poucos a levam para a igreja. Por quê? A Palavra de Deus raramente é usada em muitas igrejas e seu estudo não é encorajado freqüentemente. Necessitamos de sólida, relevante e oportuna pregação expositiva, que ensine ao povo a beleza do evangelho. A centralização nas Escrituras deve voltar aos nossos púlpitos. Se isso não acontecer, numerosos David Koreschs devem estar esperando a oportunidade de atrair uma geração de jovens com suas “novas” interpretações da Bíblia.

5. Ensinar o povo a pensar – Estes tempos instáveis não apenas demandam pessoas “que não se comprem nem se vendam”,⁹ mas também indivíduos que sejam pensadores. Há muito tempo, Ellen White deu a seguinte exortação: “Cada ser humano criado à imagem de Deus, é dotado de certa faculdade própria do Criador – a individualidade – faculdade esta de pensar e agir. ... É obra da verdadeira educação desenvolver esta faculdade, adestrar os jovens para que sejam pensantes e não meros refletores do pensamento de outrem.”¹⁰ Infelizmente, nem sempre esse conselho é seguido. O poder criador, “poder para pensar e agir”, não é prioridade em nosso currículo. Na maioria das vezes, o produto das escolas cristãs é programado em crucial regurgitação, em lugar de reflexão crítica. Os jovens não são ensinados a pensar por si mesmos e a fazerem escolhas independentemente, mas a seguir cuidadosamente regras e regulamentos prescritos. Assim, por simplesmente obedecerem às regras, aparentam ser cristãos direitos, quan-

do, na realidade, apenas temem sair da linha.

Conformidade cega não conduz necessariamente a uma liderança forte. O que ela produz é fortes seguidores de uma liderança cega. Isso deve explicar porque muitos seguidores de David Koresh eram jovens ex-adventistas recrutados de internatos. O que estamos fazendo em nossas instituições acadêmicas que cria mentes receptivas ao engano? Para ser brando, quero dizer que a maioria dos nossos jovens não está sendo desencaminhada, mas permanece sólida em seus compromissos com Cristo e a Igreja. Mas seria o caso de perguntarmos: estamos represando o oceano ou ensinando os jovens a nadar?

Em suma, devemos ensinar nossos jovens a se tornarem pensadores, capazes de uma reflexão crítica e de tomar decisões.

Declaração de missão – Cada igreja deve desenvolver uma clara declaração de missão, abrangendo as necessidades da comunidade à qual serve (dentro e fora da igreja). Essa declaração deve ser obra da congregação inteira, não apenas do pastor ou da comissão. As pessoas assumirão a responsabilidade somente por aquilo que ajudaram a planejar. Uma declaração de missão deve ser um documento de trabalho, não apenas uma peça de museu para ser vista. Todos os aspectos do programa da igreja devem refletir o pensamento de tal declaração.

A importância disso reside no fato de que algumas igrejas têm-se tornado incubadoras para desgostosos e membros de culto em potencial. Elas não possuem uma missão ou propósito para a existência. Tampouco possuem um forte programa de testemunho, evangelismo e ministério à comunidade. Sem dar um senso de direção à energia espiritual da irmandade, essa energia será gasta em outras direções: conversa vazia, inatividade e descompromisso com o testemunho, criticismo, divisão e facções. Ou pior – deixa os membros abertos às influências dos agitadores externos e sua agenda de “nova luz”. O melhor caminho para evitar esse desenvolvimento é engajar a comunidade num ministério completo que emerge da compreensão da sua missão.

7. Liturgia voltada para as necessidades da igreja – Muitas formas de liturgia adventista, quer seja celebração ou tradicional, simplesmente foram herdadas de outras igrejas ou denominações. Essa aproximação eclética não está direcionada às necessida-

des de todos os membros. A liturgia de cada congregação deve ser única para essa congregação e sua missão, em lugar de ser copiada só porque alguém viu numa outra igreja e gostou. Necessitamos ser pensadores, não copiadores.

8. Ministério inclusivo – Por muitos anos a igreja tem operado com modelos exclusivos de ministérios. Mas isso serve somente para dividir, separar e levar as pessoas para longe do centro que é Cristo. Quando focalizamos mais exclusão do que inclusão, nós estamos empurrando o povo em direção aos braços abertos dos separatistas espirituais, mais interessados em dividir do que em unir. Um modelo inclusivo, ajunta, constrói na diversidade, impulsiona o povo ao centro – Jesus Cristo. Nosso alvo não é uniformidade. Nem Deus quer assim. Nós queremos unidade na diversidade, em Cristo. Coletivamente aprendendo do que cada um pode contribuir. Esse é o desafio que devemos enfrentar nestes tempos de rápidas mudanças.

Na virada do século passado, uma época também marcada por mudanças dinâmicas, o filósofo George Santayana declarou: “Aqueles que não podem se lembrar do passado estão condenados a repeti-lo.” Ao nos aproximarmos do ano 2000, mais cultos apocalípticos surgirão, autoproclamando-se uma âncora em meio à tormenta social. David Koresh foi apenas o modelo do ano passado. Qual será o modelo deste ano? Possuirá, porventura, alguma conexão com o adventismo?

Vamos aprender as lições do caso Waco e estejamos de prontidão.

Referências:

1. Rodney Stark e William Sims Bainbridge, *The Future of Religion. Secularization, Revival, and Culture Formation*, Berkeley, Califórnia, 1985, pág. 424.
2. Rodney Stark, *Sociology*, Belmont, Califórnia, 1992, 4ª edição, pág. 86.
3. Eileen Barker, *New Religious Movements: A Practical Introduction*, Londres, 1989.
4. Stark e Bainbridge, págs. 417 a 423.
5. Dean Kelly, *Why Conservative Churches Are Growing*, Nova Iorque, 1972.
6. Rodney Stark e Roger Finke, *The Churched of America, 1776-1990*, New Jersey, 1992, pág. 238.
7. Marc Breault, *Some Background on the Branch Davidian Seventh-Day Adventist Movement From 1955 to the Early Part of 1991*, manuscrito não publicado, 17 de abril de 1991, págs. 14 e 22.
8. Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, CASA, 1990, pag. 143.
9. _____, *Educação*, CASA, 1968, pag. 57.
10. *Idem, idem*, pag. 17.

As mudanças do adventismo

GEORGE KNIGHT

*Professor de História da Igreja
na Andrews University*

Muitos dentre os fundadores do adventismo não se uniriam à Igreja hoje, se eles tivessem que subscrever as crenças fundamentais da denominação.

Mais especificamente, muitos deles não concordariam com a crença nº 2, a qual trata da doutrina da Trindade. Para José Bates, essa era uma doutrina espúria. Tiago White a classificava como “o velho absurdo trinitariano”. E para M. E. Cornell tratava-se de um fruto da grande apostasia, tal como os falsos ensinamentos da guarda do domingo e da imortalidade da alma.¹

Semelhantemente, os pioneiros adventistas ficariam perturbados com a crença nº 4, que fala da eternidade e divindade de Cristo. J. N. Andrews dizia que “o Filho de Deus... tinha a Deus como Seu Pai, e, em algum ponto da eternidade passada, teve início de dias”. E J. Waggoner, da célebre assembléia de Minneapolis, em 1888, escreveu em 1890 que “houve um tempo quando Cristo originou-Se de Deus... mas esse tempo foi tão longe nos dias da eternidade, que, para a compreensão finita, é praticamente sem começo”.²

Tampouco poderiam, alguns dos primeiros dirigentes adventistas concordar com a crença nº 5, relacionada com a personalidade do Espírito Santo. Uriah Smith, por exemplo, não apenas era um antitrinitariano e semi-ariano, tal como outros de seus companheiros, também apresentava o Espírito



Santo como “esta divina, misteriosa emanção, através da qual Eles (o Pai e o Filho) levam avante Sua grande Obra.” Noutra ocasião, Smith falou do Espírito Santo, como uma “influência divina” e não uma “pessoa como o Pai e o Filho”.³

Tais incompreensões, durante os anos 1890 – um período no qual a Obra do Espírito Santo e o poder inerente a Cristo estavam sendo enfatizados pelos escritos de El-

len White, E. J. Waggoner e W. W. Prescott – ajudaram a pavimentar o caminho para o panteísmo que Waggoner e John H. Kellogg ensinaram ao redor do fim do século. E, provavelmente, também ajudaram a desencaminhar alguns adventistas em direção à heresia da “carne santa”, no fim dos anos 1890.

Mudança teológica

Aquele período, felizmente, também testemunhou alterações positivas na focalização teológica adventista em áreas relacionadas com a divindade. Tais alterações encontraram suas raízes na assembléia de Minneapolis. As reuniões que ali tiveram lugar enfatizaram a justiça salvadora de Cristo – área do pensamento teológico que os adventistas tendiam a descartar entre o período de 1840 e 1888.

A renovada ênfase sobre a justiça de Cristo, no entanto, ampliou a visão que tinham sobre a divindade, o Espírito Santo e a natureza divina de Cristo, muito adequada para servir como base da nova soteriologia. Foram os escritos de Ellen White que guiaram o caminho das mudanças teológicas. Diferente da experiência vivida no período pós-1844, durante o qual ela seguiu a direção de seu esposo e José Bates, na formulação das doutrinas distintivas da Igreja Adventista, nos anos 1890 ela esteve na vanguarda das reformulações teológicas, através de seus principais escritos sobre Cristo e Seus ensinamentos.

Ao passo que antes das reuniões de Minneapolis ela não tinha sido explícita sobre seu ponto de vista a respeito da Trindade, a personalidade do Espírito Santo e a natureza de Cristo, durante as duas décadas seguintes, falou com grande clareza sobre esses tópicos. Enalteceu as “três pessoas do trio celeste”, estipulou que “o Espírito Santo é tanto uma pessoa como Deus (o Pai) é uma pessoa”, e repetidamente indicou que “Cristo é

o auto-existente e preexistente Filho de Deus”.⁴

Talvez, sua declaração mais célebre sobre a natureza divina de Cristo foi publicada em 1898: “Em Cristo há vida original, não emprestada, não derivada”.⁵

Nesse mesmo ano foi publicada a obra de Uriah Smith, intitulada *Look unto Jesus*, segundo a qual “apenas Deus (o Pai) é sem começo. Numa época remota, que poderia ser um começo – um período tão remoto que para a mente finita é essencialmente eternidade – apareceu o Verbo.” Pelo menos nesse assunto Smith estava em harmonia com seu grande rival, E. J. Waggoner, que publicou a mesma coisa na década anterior.⁶

Ellen White não somente discordava da antiga teologia adventista, mas novamente cristalizou idéias que abalaram alguns irmãos. Um desses foi M. L. Andrea-

sen, que posteriormente lembrou “quão atônitos ficaram quando apareceu a publicação de *O Desejado de Todas as Nações*, trazendo algumas coisas consideradas incríveis; entre outras, a doutrina da Trindade, a qual não era geralmente aceita entre os adventistas de então”.

Suspeitando que alguém tivesse usado indevidamente os escritos da irmã White, Andraesen leu atentamente todos os seus manuscritos. “Eu estava particularmente interessado”, disse ele, “na declaração que naquele tempo havia causado grande preocupação à teologia denominacional: ‘Em Cristo há vida, original, não emprestada, não derivada’. Essa declaração pode não parecer muito revolucionária para você, mas para nós era. Dificilmente poderíamos crer nisso. ... Eu estava seguro de que a irmã White jamais escrevera: ‘Em Cristo há vida original, não emprestada, não derivada.’ Mas acabei encontrando em seus manuscritos justamente o que fora publicado.”⁷

Mudanças teológicas geralmente levam certo incômodo às pessoas envolvidas, mas as pessoas respondem a isso de diferentes

Mudanças
teológicas geralmente
causam certo incômodo às
pessoas envolvidas,
mas muitas delas
respondem a isso
de diferentes maneiras.

maneiras. Alguns, como Andraesen, tiveram a capacidade de se acomodar à “nova teologia”.

Outros, no entanto, acharam tal acomodação impossível. Tal foi o caso de J. S. Washburn, um ministro aposentado que em 1939 publicou um panfleto no qual ele afirmava que a doutrina da Trindade era “uma cruel monstruosidade idólatra”, “uma invenção absurda, impossível”, “uma blasfêmia”, e “uma trapalhada absurda, caricatura irreverente”. Além disso, era uma “doutrina romana” que estava “buscando introduzir sua demoníaca presença nos ensinamentos da mensagem do Terceiro Anjo”. Washburn também afirmou que Prescott não poderia ser um adventista do sétimo dia, porque cria na Trindade.⁸

Um presidente de Associação ficou tão impressionado com o folheto de Washburn que distribuiu 32 cópias entre seus pastores. Enquanto isso o ponto de vista ariano contido na publicação *Daniel e Apocalipse*, de Uriah Smith, não foi removido até a metade dos anos 40.

Ellen White e as mudanças

Até agora deve estar claro que os adventistas experimentaram importantes mudanças teológicas ao longo de sua história, e que Ellen White teve um papel destacado nessas mudanças. Isto nos leva à outra questão: Fez a irmã White alguma mudança de ensino e/ou crença em sua experiência pessoal, durante as sete décadas de seu ministério?

Afirmativas sobre os dois lados dessa questão são aparentemente ventiladas com certa frequência, provavelmente em reação às posições alternativas. Eu gostaria de sugerir que os dois lados do diálogo captam uma parte da verdade, mas que nenhum a possui integralmente.

Antes de olhar a questão em si mesma, devemos compreender que a Sra. White sempre estava aberta à possibilidade de mudanças. Por exemplo, em 1906, ela escreveu: “Por sessenta anos eu estou em comunicação com mensageiros celestes, e tenho constantemente aprendido algo das coisas divinas.”⁹

A veracidade dessa afirmação parece estar refletida na crescente complexidade e sofisticação dos vários estágios da história de

O Conflito dos Séculos, que ela escreveu e reescreveu desde o início de 1850 até próximo de sua morte, em 1915.

Além de sua disposição para crescer, mesmo na verdade teológica, Ellen White muitas vezes admite que cometeu erros de aconselhamento em várias ocasiões. Geralmente em ocasiões nas quais, segundo ela mesma, “corri adiante do anjo”.

Um exemplo de admissão de erro é encontrado em *Testemunhos para a Igreja*, onde ela categoricamente declara: “Eu errei”. Essa confissão está relacionada com o fato de que ela não tinha feito o seu melhor em não ter tido tempo para escrever tudo o que vira no *Testemunho nº 11*, em 1867. O resultado foi menos que satisfatório.¹⁰

Noutra ocasião, em 1903, durante um concílio realizado em sua casa, ela falou “palavras que davam liberdade para que certas coisas fossem feitas, em determinado lugar”. Por isso, ela acrescenta, “fui reprovada pelo Senhor. ... O mais rápido possível escrevi uma carta dizendo que estava errada em sancionar planos que Deus não aprovara”. Situação igual é encontrada num conselho dirigido à *Southern Publishing Association*, e que motivou sua retratação.¹¹

Tais informações não apenas indicam que Ellen White estava aberta a mudanças, mas que no seu dia-a-dia, advertindo o povo, ela cometeu erros e reestudava sua posição quando Deus lhe revelava o engano cometido.

Mas, alguém deve estar se perguntando: Teria feito Ellen White alguma mudança em termos de suas idéias relacionadas com a doutrina ou estilo de vida? A resposta é sim. Mas essa resposta necessita refletir as várias nuances da palavra “mudança”, se desejamos compreender suas implicações. É muito fácil enxergar estas nuances. Elas necessitam ser encaradas como sendo de, pelo menos, três tipos: 1) esclarecimento, 2) desenvolvimento progressivo, e 3) contradição ou reversão.

Mudanças como esclarecimento

Ocorrência de mudanças, no sentido de esclarecimento, pode ser ilustrada pelo tratamento dado por Ellen White ao assunto da natureza divina de Cristo, em suas várias apresentações da história de *O Conflito dos Séculos*. Por exemplo, há uma certa nebulosidade em sua explanação sobre a

autoridade de Cristo em *Spiritual Gifts* (1858) e *The Spirit of Prophecy* (1870), que permite ao leitor interpretar sua posição como estando, ou em harmonia com seus colegas semi-arianos, ou aceitando que Cristo sempre teve completa igualdade com o Pai,¹² embora muitos dentre as hostes celestes tenham perdido de vista essa igualdade. Ao contrário de outros escritores do seu tempo, ela afirmou que não poderia ser interpretada como sendo inquestionavelmente semi-ariana.

A nebulosidade foi dissipada em 1890, com a publicação de *Patriarcas e Profetas*. Nesse volume, ela esclarece o que estava implícito em suas primeiras declarações, afirmando que “não havia nenhuma mudança de posição ou autoridade de Cristo”; a igualdade de Cristo com o Pai “tinha sido a mesma desde o início”.¹³ A mudança, no caso acima, é uma mudança da ambigüidade para o esclarecimento.

Desenvolvimento progressivo

Um segundo tipo de mudança encontrada nas idéias de Ellen White é a do desenvolvimento progressivo. Um exemplo dessa dinâmica é a abordagem que ela faz a respeito de alimentos imundos.

No início de 1850, alguns dos adventistas sabatistas levantaram a questão sobre se era apropriado comer carne de porco. Tiago White pensou resolver o assunto de uma vez por todas em novembro daquele ano, ao publicar um trabalho baseado em Atos 10, e outras passagens. Sua argumentação pretendia provar que o uso de carne suína na Era Cristã era absolutamente apropriada.¹⁴

Apesar do vigoroso argumento de Tiago, o assunto não morreu. S. N. Haskell agitou os sabatistas no início de 1850. Respondendo a Haskell, Ellen White o advertiu no

sentido de que não publicasse seu pensamento, pois ele causaria divisão à nascente igreja. “Vi”, ela escreveu, “que seu ponto de vista concernente à carne de porco não se provará uma injúria se você o retiver para si mesmo; mas em seu julgamento você tem feito desta questão um teste. ... Se é dever da Igreja abster-se da carne de porco, Deus revelará isso a mais que dois ou três. Ele ensinará a Sua Igreja neste dever. Deus está guiando um povo, não uns poucos indivíduos separados aqui e ali, um crendo uma coisa, outro crendo outra coisa. ... Alguns correm adiante dos anjos que estão guiando esse povo. Vi que os anjos de Deus guiarão tão firmemente Seu povo que ele poderá receber a verdade e agir de acordo com o que lhe foi comunicado.” Pregar sobre carne de porco naquela época, ela afirmou, seria perigoso “sem a direção divina, então causaria confusão e discórdia no arraial.”¹⁵

O casal White, assim como muitos entre os adventistas no início de 1850, ainda usavam carne de porco em sua dieta. Numa carta, a Sra. White avisava a uma irmã para cozinhar carne de porco para seu marido, se ele o desejasse.¹⁶

Em 1863, no entanto, seus escritos demonstravam uma nova posição tomada sobre o assunto: “Porco, embora seja um dos mais comuns artigos de dieta, é um dos mais

prejudiciais. Deus não proibiu aos hebreus de comer carne de porco simplesmente para mostrar Sua autoridade, mas porque este não é um artigo próprio para alimentação humana. Jamais Deus desejou que o porco fosse comido em qualquer circunstância.”¹⁷

A verdade presente,
como os primeiros adventistas
a viam, era dinâmica.

O que podia ser
verdade presente para
uma geração deveria não ser
a mesma coisa,
ou um “teste”, para outra.

Assim, em poucos anos a Sra. White mudou da tolerância à proibição, quanto ao uso de carne suína, tendo como base a preservação da saúde. Ela manteve essa posição durante o resto de sua vida.

Três coisas aconteceram que contribuí-

ram para a mudança: primeiro, a descoberta de uma nova doença – a triquinose –, na carne de porco, em 1860, amplamente divulgada. Segundo, a longa batalha entre os adventistas sobre organização foi finalmente concluída com a formação da Associação Geral, em maio de 1863. Com o intenso esforço para desenvolvimento das doutrinas adventistas (1844-1850) e terminada a luta em prol da organização do movimento (1850-1863), o adventismo estava preparado para o próximo passo – desenvolvimento institucional e de estilo de vida (1863-1880).¹⁸

O tempo, por conseguinte, preparou para o terceiro elemento na equação adventista a respeito do uso da carne de porco – a visão de Ellen White sobre reforma de saúde, em 6 de junho de 1863, e que teve lugar menos de três semanas após a organização da Associação Geral. Essa visão estabeleceu uma base principal de reforma de saúde que deu nova ênfase ao adventismo primitivo e aos escritos de Ellen White.

Noutras palavras, a mudança dos tempos induziu à mudança de ênfase. A verdade presente, como os primeiros adventistas a viam, era progressiva. Ellen White deixou isto implícito em seu conselho a Haskell, em 1858. “Deus está guiando um povo, não uns poucos indivíduos separados aqui e ali, um crendo uma coisa, outro crendo outra coisa... O Terceiro Anjo está guiando e purificando um povo. ... Vi que os anjos de Deus conduziriam Seu povo tão firmemente que ele poderia receber importantes verdades e agir de acordo com o que lhe foi comunicado.”

Em 1863, chegara o tempo para mudanças na área de saúde, incluindo o uso de carne de porco. O conselho de Ellen White estava de acordo.

Enquanto isso, seu esposo e outros diziam, por volta de 1872, que comer carne de porco era pecado. Ellen, por sua vez, jamais tomou a posição extrema de seu esposo. Em 1889, ela escreveu que “a carne suína foi proibida por Cristo envolvida numa nuvem encapelada”. Mas, acrescentou, bem de acordo com seu conselho a Haskell em 1888, “esta não é uma questão de teste”. Par ela, como a declaração de 1889 indica, este era um assunto relativo à saúde.¹⁹

A diferença no tratamento do assunto do uso da carne de porco, dado pelo casal White, é informativa. Ambos mudaram suas respectivas posições, mas Tiago tomou o extre-

mo oposto, argumentando favoravelmente ao seu uso, com base no Novo Testamento, em 1850, e declarando-o pecado, em 1872. Ellen, evitou posições extremas. Seu conselho em 1858 não foi uma defesa do uso da carne suína, mas foi no sentido de que Haskell não devia alardear suas observações, por que a Igreja não estava preparada para recebê-las. Embora aparente que ela devia não reconhecer todas as implicações naquele tempo, sua declaração em 1858 definitivamente implica que Deus dirigiria na proibição de porco como alimento. Assim, nós encontramos dois diferentes tipos de mudanças nos ensinamentos de Tiago e Ellen White sobre a questão da carne de porco. O tratamento de Tiago ilustra a mudança contraditória, enquanto a posição de Ellen ilustra a mudança progressiva no desenvolvimento da verdade presente.

Significa isso que Ellen White jamais experimentou mudanças contraditórias em seus ensinamentos ou assunto religiosos? Não. Mas, como o ponto seguinte ilustra, nem todas as mudanças em seus escritos foram contraditórias ou reversivas. Algumas foram esclarecedoras, enquanto outras foram progressivas.

Reversão

Um terceiro tipo de mudança nos escritos de Ellen White é o de contradição, ou reversão, de suas primeiras posições. A quantidade desse tipo de mudança em áreas doutrinárias não é grande, mas consideraremos três exemplos.

O primeiro tem a ver com o dia 22 de outubro de 1844, fim dos 2.300 anos da profecia de Daniel 8:14. Em dezembro daquele ano, ela teve uma visão de que alguma coisa acontecera naquele dia. O significado de sua primeira visão estampava-se na face daquele grupo de desapontados. O que ela havia concluído ser trevas, antes da visão, tornou-se uma “brilhante luz” guiando o povo do advento em sua caminhada para o reino.²⁰

Um outro exemplo de mudança contraditória, ou reversa, está relacionado com a compreensão de Ellen White sobre a idéia da “porta fechada”. Guilherme Miller ensinara que ao fim dos 2.300 anos a porta da graça seria fechada, as provações humanas terminariam e a obra de advertir pecadores deveria ser suspensa.²¹ Todos os adventis-

tas, incluindo Ellen White, que haviam estabelecido o cumprimento da profecia para 22 de outubro, também criam que as provações humanas tinham passado. Apenas gradualmente eles separaram o erro da verdade, neste aspecto de sua teologia.

A mudança de atitude de Ellen White, em relação à “porta fechada” possuía tanto aspectos progressivos e esclarecedores, como aspectos contraditórios. O primeiro desses aspectos tinha a ver com a compreensão da “porta fechada” e do fim das provas para a realidade de que “Jesus fechou a porta do lugar santo e nenhum homem pode abri-la; e que Ele abriu a porta do lugar santíssimo e ninguém pode fechá-la”.²² O aspecto progressivo, naturalmente, relaciona-se com o desenvolvimento da compreensão adventista sobre o santuário celestial.

Mas o assunto da “porta fechada” não pode ser resolvido simplesmente pela aplicação do princípio de mudança progressiva ou esclarecedora. Aqui nós também temos um exemplo de mudança contraditória ou reversa. Nesse ponto, Ellen White admite ter cometido um erro teológico. Em 1874, ela escreveu: “Como meus irmãos e irmãs, depois de haver passado o tempo em 1844, eu cri que pecadores não mais se converteriam. Mas, eu jamais tive uma visão a esse respeito”.²³

A nova interpretação veio gradualmente através da compreensão das implicações das doutrinas do sábado e do santuário para a missão mundial, no contexto de Apocalipse 14:6-12, e através de suas primeiras visões. Assim como aconteceu com seus seguidores, a má interpretação da porta fechada foi resolvida com o tempo, em sua mente.

Um terceiro exemplo de mudança contraditória pode ser visto na questão levantada nos dias de Ellen White, sobre os limites do sábado. Os primeiros sabatistas estavam muito divididos nessa questão. Alguns estabeleciam o início do sábado a partir do pôr-do-sol, outros estabeleciam o amanhecer do dia, ou as seis da manhã. E outros, ainda, a meia-noite.

J. N. Andrews foi comissionado a estudar o assunto e apresentar uma monografia na assembléia de Battle Creek, em novembro de 1855. Seus argumentos bíblicos favoráveis ao pôr-do-sol convenceram quase todos. Ao término da apresentação de Andrews, Ellen White teve uma visão que confirmava a verdade bíblica e produziu unidade entre os crentes. A visão, escreveu Tiago White em

1868, “confirmou o assunto com o irmão Bates e outros e harmonia geral prevaleceu entre nós, neste ponto, desde então”.²⁴

Caso algum dos inimigos dos adventistas do sétimo dia fossem tentados a sugerir que essa experiência era exatamente o método de Ellen White manipular os crentes, através de suas visões, Uriah Smith foi cuidadoso em apontar que a conclusão da visão a respeito do pôr-do-sol “era contrária a seu próprio sentimento no tempo em que a visão lhe foi dada”. Em outras palavras, ela mudou da posição inicialmente tomada em favor das seis da manhã, para a posição favorável ao pôr-do-sol, depois da visão.²⁵ Dessa forma ela estava entre os “outros” mencionados pelo seu esposo, e que necessitavam ser conduzidos em harmonia com o corpo de crentes.

Os exemplos acima indicam que Ellen White foi susceptível de crer em algum erro e, posteriormente, crescer na compreensão da verdade. Ela sabia perfeitamente o que estava falando em 1906 quando observou que durante sessenta anos estivera “aprendendo constantemente sobre as coisas divinas”.

Conceito dinâmico da verdade

José Bates, Tiago e Ellen White possuíam um conceito dinâmico do que eles chamavam “verdade presente”. Bates usou a frase no início de 1846 em relação ao sábado. Noutras vezes ele expandiu o conceito para incluir toda a mensagem de Apocalipse 14:6-12. A “verdade presente” era o sábado, o santuário e verdades afins.²⁶

Tiago White, em 1849, depois de citar II Ped. 1:12 com seu uso da “verdade presente”, escreveu que “no tempo de Pedro houve uma verdade presente, ou uma verdade aplicável ao tempo presente. A Igreja tem sempre uma verdade presente. Hoje, essa verdade é a que mostra o presente dever e a posição correta para nós que testemunhamos em tempos de provas”. Ele estava em pleno acordo com Bates quanto ao conteúdo da “verdade presente”. Os primeiros dois anjos de Apocalipse 14 tocaram suas trombetas; chegou a vez do terceiro.²⁷

Argumentando em 1857 que alguns crentes estavam “dispostos a se desviar das grandes verdades ligadas à terceira mensagem angélica, para assuntos de pouca importância”, White observou que era “impossível fa-

zer alguns entenderem que 'verdade presente' é verdade *presente*, e não verdade futura. E que a Palavra como uma lâmpada brilha claramente onde nós estamos, e não tão claramente na vereda à distância".²⁸ Assim, White deixou o caminho aberto para o futuro desenvolvimento da doutrina adventista.

Ellen White concordava com essa posição flexível. Portanto, enquanto ela afirmava categoricamente em 1850 que "nós temos a verdade, nós a conhecemos; graças a Deus", também dizia 53 anos mais tarde que "deve haver um desenvolvimento da compreensão, pois a verdade é passível de constante expansão. ... Nossa exploração da verdade é incompleta. Temos alcançado apenas uns poucos raios de luz". Ela notara que o que podia ser "verdade presente" para uma geração deveria não ser a mesma coisa ou um "teste" para outra.²⁹

Tiago e Ellen White estavam abertos para posterior desenvolvimento na pesquisa da verdade. Ela não se abalou com a luz progressiva relacionada com o uso da carne de porco, ou com o revolucionário desenvolvimento da teologia adventista nos anos 1880 e 1890. Naturalmente, ela mostrou-se inflexível no sentido de que a nova verdade presente nunca deve negar os pilares doutrinários desenvolvidos nos anos 1840, e que deram ao adventismo um lugar único na história cristã.

Só a Bíblia

A possibilidade de posterior desenvolvimento da verdade presente foi uma razão pela qual Tiago White e outros primeiros crentes adventistas se opuseram ao estabelecimento de credos. Ademais, não tinham muitos dos adventistas sido expulsos de suas denominações anteriores, justamente por causa da descoberta de novas verdades bíblicas, a respeito das quais não puderam calar-se? Em virtude dessa experiência, os primeiros adventistas estabeleceram que seu único credo seria a Bíblia.

Em 1861 numa reunião em que os primeiros sabatistas organizaram sua primeira Associação estadual, John Loughborough enfatizou o problema que os pioneiros viam no credo. De acordo com ele, "o primeiro passo para a apostasia é estabelecer um credo e dizer que devemos crer nele. O segundo é fazer desse credo um teste de discipulado. O terceiro é provar os membros por esse

credo. O quarto passo é denunciar como heréticos aqueles que não crêem no credo. E, quinto, persegui-los por isso".³⁰

Tiago White então falou, mostrando que "estabelecer um credo é fazer estacas e levantar barreiras ao futuro desenvolvimento". Ele se queixou de algumas pessoas que através de seus credos "delimitaram um caminho para o Todo-poderoso. Elas dizem virtualmente que o Senhor não deve fazer qualquer coisa no futuro, além daquilo que está marcado no credo. ... A Bíblia é nosso credo. Rejeitamos qualquer coisa na forma de um credo humano",³¹ ele concluiu.

Depois de uma animada discussão, a Associação unanimemente votou adotar um "Compromisso de Igreja", que continha uma curta declaração de crenças fundamentais, sobre a base de que a Igreja tem a responsabilidade de dizer alguma coisa do que crê a seus membros e interessados, mesmo evitando um credo inflexível.

Desde o desenvolvimento da primeira Associação organizada em 1861, a Igreja Adventista do Sétimo Dia teve apenas três declarações de crenças que conseguiram certo grau de aceitação oficial, e apenas uma foi votada por uma assembléia da Associação Geral. A primeira foi a declaração de Uriah Smith, em 1872. A segunda data de 1931, e a terceira é a declaração de crenças fundamentais adotada pela Associação Geral, na assembléia de 1980.

Houve, no entanto, fortes tentativas para estabelecer as crenças adventistas como um "cimento doutrinário". Sucessivamente, porém, sofreram resistências. Desde os anos 30 até 1980 a declaração de 1931 aparece em publicações denominacionais, dando-lhe assim, um *status* oficial apesar de que foi formulada algo como casualmente. Em 1946 a Associação Geral votou que "nenhuma revisão desta declaração de crenças fundamentais, como aparece no *Manual da Igreja*, deveria ser feita em tempo algum, exceto na assembléia da Associação Geral". Esse voto torna a declaração de 1980 mais oficial do que qualquer coisa que a Igreja tenha feito anteriormente.

Mas, talvez, a coisa mais estarrecedora sobre a declaração de 1980 é seu preâmbulo. Ele não apenas começa com a afirmação histórica de que "a Igreja Adventista aceita a Bíblia como seu único credo e seguro fundamento de suas crenças para o ensinamento das Santas Escrituras", mas também deixa aberto o caminho para posterior revisão.

No espírito da natureza dinâmica do primitivo conceito de verdade presente, o preâmbulo fecha com a seguinte sentença: “A revisão desta declaração deve esperar até a assembléia da Associação Geral, quando a Igreja é dirigida pelo Espírito Santo a uma completa compreensão da verdade da Bíblia ou encontra melhor linguagem para expressar os ensinamentos da Santa Palavra de Deus.”

Essa é realmente uma extraordinária afirmação. Como eu a compreendo, no entanto, a provisão para a possibilidade de revisão sofreu resistência por parte de alguns – suponho que em temor de perda do conteúdo histórico do adventismo. Esse medo, todavia, simplesmente realça as más interpretações sobre a natureza do adventismo histórico. No centro dessa frase estão incluídas as distintivas doutrinas que formaram o fundamento da unicidade do adventismo nos anos 1840, e as grandes verdades do Evangelho, redescobertas em 1888, que a denominação partilha com cristãos evangélicos. O problema, naturalmente, é que sempre há quem queira multiplicar o número de doutrinas distintivas.

Nesse sentido, alguns argumentavam, na ocasião da assembléia de Minneapolis e nos anos 1890, que os adventistas necessitavam de um credo para proteger a “verdadeira” posição da lei na carta de Paulo aos gálatas e os dez chifres do livro de Daniel. Ellen e W. C. White, após muito esforço, bloquearam o estabelecimento de um credo naquele tempo. Todavia, existem muitos hoje que gostariam de ver uma declaração inflexível de crenças denominacionais, sobre variados assuntos como a natureza humana de Cristo e hermenêutica bíblica.

Tais movimentos até poderiam estar fundamentados sobre os melhores motivos, como a proteção do adventismo histórico, mas alguns suspeitam que no processo de preservação do conteúdo histórico do adventismo eles podem atualmente matar seu lado espiritual. Os fundadores do adventismo expressaram uma grande dose de sabedoria em sua compreensão da natureza dinâmica da verdade presente e em seu clamor de que “a Bíblia é nosso único credo”.

Referências

1. José Bates, *The Autobiography of Elder Joseph Bates*, Battle Creek, MI, 1868, págs. 204 e 205; Tiago White, “The faith of Jesus”, *Review and Herald*, 5/8/1852, pág. 52; M. E. Cornell, *Facts for the Times*, Battle Creek, MI, 1858, pág. 76.

2. J. N. Andrews, *Review and Herald*, 7/9/1869, pág. 84; E. J. Waggoner, *Christ and His Righteousness*, Oakland, Califórnia, 1890, págs. 9, 19 a 22.
3. Uriah Smith, *General Conference Daily Bulletin*, 1897, pág. 146; Uriah Smith, *Review and Herald*, 28/10/1890, pág. 64.
4. Ellen White, *Evangelismo*, págs. 615 e 616; *The SDA Bible Commentary*, vol. 6, pág. 1075.
5. _____, *O Desejado de Todas as Nações*, CASA, 1990, pág. 530.
6. Uriah Smith, *Looking unto Jesus*, Battle Creek, MI, 1898, pág. 10.
7. M. L. Adreasen, *The Spirit of Prophecy*, 30/11/1948.
8. J. S. Washburn, *The Trinity* (folheto), 1940; Gilbert M. Valentine, *The Shaping of Adventism: The Case of W. W. Prescott*, Andrews University, 1992, págs. 279 e 280.
9. Ellen White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 3, CASA, 1987, pág. 71.
10. _____, *Testimonies for the Church*, vol. 1, pág. 563.
11. _____, *Manuscript Releases*, White Estate, 1990-1993, vol. 13, pág. 121; Arthur White, *Ellen G. White: The Early Elmshaven Years*, 1981, págs. 187-197.
12. Ellen White, *Spiritual Gifts*, vol. 1, pág. 18.
13. _____, *Patriarcas e Profetas*, Pacific Press, 1958, pág. 380.
14. Tiago White, *The Present Truth*, novembro de 1850, págs. 87 e 88.
15. Ellen White, *Testimonies*, vol 1, págs. 206 e 207.
16. Tiago White, in H. E. Carver, *Mrs. E. G. White Claim to Divine Inspiration Examined*, 1877, pág. 20.
17. Ellen White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 2, CASA, 1988, pág. 417.
18. George Knight, *Anticipating the Advent: A Brief History of Seventh-Day Adventists* Pacific Press, 1993, capítulos 2 a 4.
19. Tiago White, *Health Reformer*, janeiro de 1872, pág. 18.
20. _____, *A Word to the “Little Flock”*, 1847, pág. 22.
21. Guilherme Miller, *Evidence from Scripture and History of the Second Coming of Christ About the Year 1843*, pág. 237.
22. Ellen White, *Primeiros Escritos*, CASA, 1988, pág. 42.
23. _____, *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, pág. 74.
24. J. N. Andrews, *Review and Herald*, 4/12/1855, págs. 76-78; Tiago White, *R&H*, 25/2/1868, pág. 168.
25. Uriah Smith, *Review and Herald*, 30/8/1864, pág. 109.
26. José Bates, *The Seventh Day Sabbath a Perpetual Sign*, pág. 2.
27. Tiago White, *The Present Truth*, julho de 1894, pág. 1.
28. _____, *Review and Herald*, 31/12/1857, pág. 61.
29. Ellen White, *Manuscripts Releases*, vol. 5, pág. 201.
30. *Review and Herald*, 5, 6 e 8/10/1861.
31. *Ibidem*.

A epístola a Filemom e as questões sociais

MOISÉS MATTOS

Pastor distrital em Paranavaí, PR

A carta do apóstolo Paulo a Filemom está como que escondida no meio de grandes livros do Novo Testamento. Contudo, por tratar-se de única no gênero, que sobreviveu e chegou aos nossos dias, ela é uma gema preciosa de instrução para os cristãos modernos. É um apelo pessoal de Paulo a Filemom, a fim de que este recebesse de maneira cristã e amorável um escravo fugitivo que se convertera, e agora estava a seu serviço durante sua prisão em Roma. Em sua argumentação, o apóstolo chega ao ponto de afirmar que se porventura o fugitivo devesse alguma coisa a seu dono, Paulo mesmo restituíria.

Várias lições podem ser tiradas do episódio. Lutero, por exemplo, via nesta epístola um exemplo da grande intercessão de Cristo por nós. Assim como Paulo intercedeu em favor de Onésimo, no dizer do grande reformador, “nós somos os Onésimos dEle”.¹

Há, também, outros que têm visto a mensagem da epístola como significando o comportamento cristão diante da escravatura, ou a amorosa simpatia de um apóstolo por um escravo. A verdade, porém, é que em virtude de ser uma carta *sui generis*, várias direções podem ser tomadas; e se levarmos para o campo prático do cristianismo, chegaremos a corroborar com os 25 versículos da carta, velhos e inamovíveis princípios do evangelho e do ensino de Cristo. Pois não era propósito do escritor apresentar novos conceitos, teorias ou doutrinas; mas, num chamado pessoal ao leitor ou eventuais leitores, levá-los a praticar conceitos já estabelecidos.

Neste artigo nos limitaremos a explorar as evidências internas do livro, a respeito da atividade social e comunitária da Igreja, bem como qual direção tomar diante das necessidades sociais a serem atendidas.

Como cristãos, em alguns momentos estamos numa encruzilhada em nossa ação pelas causas sociais e assistenciais. Ou optamos pelo modelo da chamada Teologia da Libertação, que horizontaliza a atividade cristã diante dos vários problemas que afligem o ser humano, ou decidimos fazer como outros, que apenas acham que a Escatologia irá resolver todos os problemas do mundo. Para estes, seria uma demonstração de falta de confiança em Deus, tentar fazer alguma coisa para reverter o quadro de miséria, injustiça e de desprezo aos valores humanos.

Existe ainda uma terceira via, assumida por cristãos e não cristãos, que é o paternalismo e o assistencialismo do tipo “dar um peixe para o pobre, em lugar de ensiná-lo a pescar”. Aliás, isso é feito com certa frequência com o intuito de acalmar a consciência, sem preocupação pelo verdadeiro amor cristão.

Mas, qual seria o procedimento correto do cristão diante dos problemas sociais? Contemplação? Isenção? Paternalismo? Assistencialismo? Participação nos moldes marxistas?

A carta a Filemom possui em sua análise contextual lampejos de como e por que deve agir um cristão, diante da conjuntura social e política.

Vejam alguns pontos:

1. *Envolvimento de todos*

O primeiro ponto para uma compreensão de que a Igreja deve agir coerentemente, é a descoberta de que a preocupação do apóstolo Paulo era a de que ele queria um envolvimento não apenas por parte de Filemom, no problema do escravo Onésimo, mas de toda a comunidade cristã.

No prólogo da epístola, é dito que ela é endereçada a Filemom, à Áfia e a Árquipo

(que, provavelmente, eram respectivamente a esposa e o filho de Filemom) “e à igreja que está em tua casa” (vs. 1 e 2).

Na época, era comum os cristãos reunirem-se em casas exatamente por faltarem construções próprias para adoração, louvor e pregação. O autor está, portanto, dirigindo seu apelo não somente a Filemom. Paulo confiava em sua obediência e sabia que estaria disposto a fazer mais do que se lhe havia solicitado (v. 21). O contexto sugere que a carta deveria ser apresentada também à família e à igreja, a fim de que o perdão e restauração resultassem plenos para Onésimo.

É apropriado concluirmos que a tarefa de ajudar é para todos. O desafio de ajudar o próximo não começa com o governo ou com a Igreja, institucionalmente falando. Cada um deve fazer sua parte dentro da grande tarefa de minimizar o sofrimento alheio. Fazer isso significa seguir o autor do cristianismo (Atos 10:38).

2. Ação equilibrada

A maneira como foi tratada a questão nos mostra que o cristianismo não é escapista, muito menos as suas doutrinas.

Às vezes, algumas pessoas utilizam os argumentos do sacerdote e do levita da parábola do Bom Samaritano, para fugirem de suas responsabilidades sociais. Outros raciocinam que somente quando Jesus voltar é que os problemas do mundo serão plenamente resolvidos, e isso é verdade. Contudo, a volta de Cristo deve ser a alegre concretização de nossas esperanças, sem nos fazer esquecer de que, enquanto estamos no mundo, temos de praticar boas ações, frutos de nosso relacionamento com Ele, e da salvação em nós operada por Ele (Mat. 25:31 a 46).

O melhor caminho, neste caso, não é ho-

rizontalizar o evangelho, tendo uma Igreja ligada apenas às questões sociais; nem verticalizá-lo, apenas sonhando com a vida futura, vivendo inutilmente no mundo. O caminho é equilibrar as duas linhas de ação conjunta entre fé e prática.

Paulo resolveu um problema que estava ao seu alcance, não permitindo que Onésimo escapasse de seu dever diante de Filemom, mas fazendo-o voltar para acertar as contas com seu patrão.

“Cristianismo nunca é escape; é sempre conquista.”²

3. Primeiro o indivíduo. Depois o sistema

O cristianismo transforma as pessoas, antes dos sistemas políticos. Às vezes não compreendemos, ou mesmo não aceitamos, o fato de os escritores bíblicos não combaterem com mais veemência a escravidão, promovendo assim uma campanha abolicionista. A verdade é que estamos, há muitos anos, distantes do assunto. A escravidão chegava a ser racionalizada e explicada com o argumento de que ela fazia parte da “natureza das coisas” e que “certos homens deveriam ser escravos... para servirem a uma classe mais alta de homens”.³

Na época de Paulo, os escravos eram “parte de uma estrutura social, e eram considerados membros da família de seu senhor. Entre os anos 146 a.C. e 235 a.D., a proporção de escravos para homens livres é dito ser de três para um”.⁴ Mudar isso não era tarefa que fosse desempenhada a curto prazo, ou por algum sonhador utópico.

É interessante notar ainda, que o objetivo primário da Igreja era pregar o evangelho, proporcionando a transformação de vidas, abrindo, dessa maneira, o caminho para transformações sociais.

Ellen White afirma: “Não era obra do



apóstolo subverter arbitrariamente ou subitamente a ordem estabelecida da sociedade. Tentar isto seria obstar o sucesso do evangelho. Mas ele ensinava os princípios que atingiam o próprio fundamento da escravidão, os quais se postos em execução, minariam seguramente todo o sistema... O cristianismo cria um forte laço de união entre o senhor e o servo, o rei e o súdito... Foram lavados no mesmo sangue, vivificados pelo mesmo Espírito; e são feitos um em Cristo Jesus.”⁵

Há duas coisas mais que não devem ser esquecidas: a primeira é que o fato de Deus tolerar alguma coisa (no caso, a escravidão) não significa que Ele a aprova. E, em segundo lugar, a epístola a Filemom e outras passagens a respeito do relacionamento entre senhores e escravos lançaram uma semente que germinou, culminando com a liberdade e com o desprezo que o mundo civilizado possui em relação à escravidão em suas várias formas.

Assim, a transformação de vidas individuais deve ter prioridade aos sistemas. É muito provável que o fracasso de sistemas políticos e governos ocorra hoje exatamente porque as tentativas de mudanças estão fundamentadas numa estrutura estabelecida por homens vis, egoístas, e não transformados à semelhança de Jesus Cristo.

4. Motivação correta

A carta a Filemom mais uma vez levanta as questões tão significativas: Por que fazemos o bem? Qual a força que impulsiona nossas ações? No elogio feito a seu destinatário, o apóstolo esclarece o que levaria os cristãos a agir no sentido de ajudar aos necessitados: “estando ciente do teu amor e da fé que tens para com o Senhor Jesus e todos os santos, para que a comunhão da tua fé se torne eficiente, no pleno conhecimento de todo o bem que há em nós, para com Cristo” (vs. 5 e 6).

Nesses dois versos aparecem duas expressões preponderantes:

“Amor e fé para com o Senhor Jesus...” Esta é a questão: os cristãos fazem o bem por amor a Cristo, como se estivessem fazendo para Ele mesmo. Não para serem salvos, pois no juízo nem saberão que fizeram (Mat. 25:37 a 40).

“A comunhão da tua fé...” A palavra grega traduzida como “comunhão” é *koinonia*, que tem vários significados. Entre eles, o de compartilhar generosamente. “Paulo

está pedindo a um homem generoso para ser mais generoso ainda... Isto significa que por nos esvaziarmos, nós somos preenchidos com Cristo. Significa também que estarmos com as mãos abertas e o coração generoso é a mais segura maneira de aprender mais e mais das riquezas de Cristo.”⁶

Conclusão

A mensagem de Paulo a Filemom nos dá a idéia de utilidade. Utilidade em tudo. Os cristãos são aqueles que de forma bondosa, e até silenciosa, são úteis ao mundo, mesmo que não sejam reconhecidos por isso.

A carta mostra que o amor cristão não é apenas um conjunto bem elaborado de teorias, desprovido de ações práticas. Mas, lança-nos no âmago da questão, mostrando não só como devemos amar ao próximo, mas, acima de tudo, por que devemos amá-lo.

O amor e a utilidade estão até nos nomes de seus principais personagens. Filemom significa “amoroso, terno, afetuoso”. Onésimo significa “aproveitável, útil”.

O cristianismo necessita de homens e mulheres que sejam verdadeiros e honestos como Paulo a fim de que sejam vistos imitadores de Cristo no trato das questões sociais, tais como foram Onésimo, Filemom e a Igreja daquele tempo.

Quanto ao resultado final do pedido de Paulo, não há uma resposta completa. Todavia, Inácio, um dos mártires cristãos, em sua *Epístola ad Ephesum*, capítulo 1, fala de Onésimo como o bispo de Éfeso.⁷

Se isso for verdade, permanece a lição de que o cristão espera a gloriosa volta do Senhor, enquanto vive no mundo uma vida de amorosa utilidade, ajudando a mudar uma sociedade corrompida.

Referências

1. Jamieson, Fausset e Brown, *Comentário Exegético y Explicativo de la Bíblia*, Casa Bautista de Publicaciones, 1979; El Poso, Texas, pág. 604.
2. William Barclay, *The Letters to Timothy, Titus and Philemon*, The Westminster Press, 1975; Filadélfia, Pensilvânia, pág. 281.
3. William Barclay, *Op. cit.*, pág. 271.
4. Francis D. Nichol, *Seventh-Day Adventist Bible Commentary*, vol. 7, pág. 376.
5. Ellen G. White, *Meditações Matinais*, CASA, 1971, pág. 350.
6. William Barclay, *Op. cit.*, págs. 278 e 279
7. Jamieson, Fausset e Brown, *Op. cit.*, pág. 604.

A propósito do sesquicentenário adventista

RONALDI NEVES BATISTA

*Diretor do Departamento dos Ministérios da
Igreja, na União Este-Brasileira.*

O movimento adventista surgiu no momento certo, indicado pelas profecias bíblicas. Seu início foi marcado pela humildade e simplicidade. Neste ano de 1994, quando contabilizamos 150 anos de sua existência, podemos dizer que ele tem cumprido suas sagradas e solenes responsabilidades.

É muitíssimo alentador, quando estudamos os vários estágios da trajetória desse movimento, verificarmos a atuação divina nos momentos mais decisivos. Anima-nos a observação da maneira pela qual homens e mulheres deixaram-se guiar por Deus, ao mesmo tempo em que enveredavam pelos maravilhosos caminhos abertos pela Sua providência. Foi essa direção que propiciou àqueles pioneiros envolvidos na causa sacrossanta a realização dos grandes anelos evangelísticos.

Indubitavelmente, o estudo da história da Igreja é fonte de inspiração e força para todos quantos amam esta causa. Ele nos revela uma força superior impulsionando-a na direção de conquistas cada vez mais gloriosas.

Evidentemente, ao longo destes 150 anos, o caminho nem sempre se mostrou coberto de pétalas. Como Igreja, experimentamos momentos em que os mais pessimistas imaginavam que a embarcação adventista iria soçobrar; todavia, como o piloto da nau é Cristo, ela prossegue singrando mares. Graças a Deus, e pela ação permanente do Espírito Santo, Sua Igreja chega ao ano 1994. Ao olharmos para o passado, somente podemos ser levados a exclamar: "Louvado

seja Deus!" Pois a existência deste movimento é um milagre da graça divina.

Os 150 anos de história trazem no seu bojo a irrefutável realidade de que este é o povo de Deus. É o povo da profecia. É o povo sobre o qual pesa a responsabilidade de advertir o mundo dos perigos iminentes, e levar a todos o convite de salvação.

Após essas considerações iniciais, que nos levam de volta ao passado vitorioso da Igreja Adventista, e levando-se em conta que anelamos a conclusão da tarefa que lhe foi confiada, surge a significativa pergunta: O que deve ser feito para terminar a Obra da pregação do evangelho?

A resposta a essa indagação retrata quatro grandes necessidades do povo que deseja a volta de Cristo: avivar a missão, ampliar a visão, aprofundar a paixão e aumentar a participação.

Analisemos cada um desses itens:

1. Avivar a missão

A Igreja deste final de século e de milênio não pode perder de vista a consciência de que ela foi estabelecida por Deus para realizar uma obra de salvação. Noutras palavras, buscar e salvar os perdidos. Salvar pecadores é o grande negócio da Igreja.

Ellen White definiu de maneira bem clara a missão da Igreja: "A Igreja é o instrumento apontado por Deus para a salvação dos homens. Foi organizada para servir e sua missão é levar o evangelho ao mundo."

No documento intitulado *Evangelismo e Terminação da Obra*, preparado pela Associação Geral, em 1976, somos exortados no sentido de que nos mantenhamos em perma-



nente vigilância, para não perdermos de vista a nossa missão.

2. Ampliar a visão

A visão consagrada e devidamente ampliada, fará com que a Igreja divise novas possibilidades. Novos métodos. Os que mantêm viva a chama da missão em sua mente e no coração oram constantemente a Deus, pela posse de uma visão cada vez mais ampla dos desafios evangelísticos. Por uma compreensão mais cabal e profunda das crises dos povos, das necessidades dos corações. Pensam elevado e estabelecem metas arrojadas, que induzem a igreja à compreensão da necessidade de empreender mais, muito mais, para Deus.

O programa da Missão Global tem colocado diante da Igreja a sua real condição em

termos demográficos e geográficos. E a tem desafiado a olhar os lugares ainda não atingidos pela mensagem do advento. Por conseguinte, ela deve trabalhar para alcançá-los, ou fortalecer sua presença nas regiões onde essa presença ainda é fraca. Precisamos ampliar nossa visão.

3. Aprofundar a paixão

Ao ensejo do sesquicentenário do surgimento do adventismo, é possível perceber que, não obstante os esforços envidados, ainda existe, nítidamente, em nosso meio, uma premente necessidade de que cada membro desta grande família sinta no recôndito da alma uma ardente paixão.

Muitos têm falado da carência de paixão pelas almas, que ainda não foi suprida. A paixão pelas almas é consequência de outras paixões, como por exemplo: a paixão por Cristo, a paixão pela verdade, a paixão pela própria Igreja e seu programa de evangelização. A paixão pela família de Deus. Na realidade, deveríamos implorar a Deus que aprofunde a paixão em cada um de nós.

4. Aumentar a participação

Um dos maiores desafios do momento é descobrir mecanismos eficazes, através de programas, materiais e métodos, que entusiasmem os irmãos e os levem à participação efetiva nas atividades de conquista de almas. Cada pastor deveria preocupar-se com esta grande questão: como envolver os irmãos na atividade missionária? O crescimento da Igreja, nesta fase de sua gloriosa história, será em grande parte proporcional à sua participação na tarefa de evangelizar.

Diz Ellen G. White: "A obra não será terminada enquanto os membros não se unirem em serviço" (*Obreiros Evangélicos*, pág. 352).

Conclusão

Deus tem operado maravilhas através de Sua Igreja, durante os 150 anos passados de sua história. Todavia, ainda há uma tarefa gigantesca a ser realizada por aqueles que realmente desejam ver o Senhor em Sua glória. Todos precisamos buscar intensamente, e pela graça de Deus, que a Igreja atual avive a missão, amplie a visão, aprofunde a paixão e aumente a participação.

O que um jovem espera de seu pastor

E. M. PETERSON

Os ministros têm que ser pessoas especiais, a fim de serem aceitos por aqueles a quem servem. Para isso devem estar atentos ao cultivo de certas habilidades. As dez qualidades relacionadas abaixo devem ser encontradas, em algum grau, nos pastores, para que seu ministério desempenhado junto à juventude seja mais positivo e alcance os resultados esperados.

1. Mostre amor pelos jovens

Esta é, sem dúvida, a qualidade mais importante. Ela é demonstrada pelas atitudes, ações e pelo relacionamento. Aquele que ama os jovens demonstra continuamente sua confiança neles. Não fala negativamente sobre eles. Refere-se a eles com otimismo. Aprecia estar onde estão os jovens, e tê-los onde ele está. Amor gera amor. E os jovens responderão.

2. Esteja sintonizado com os jovens

O pastor, ao lidar com os jovens, procurará conhecer o pensamento deles. O que eles apreciam? O que não apreciam? E mais, qual é a sua necessidade? Para obter essa compreensão, ele, o pastor, deve tirar vantagens das oportunidades de ouvir e observar. Criará situações com esse propósito — jantares, pequenas viagens, excursões nos finais de semana —; qualquer tipo de momento relaxante onde os jovens possam livremente expressar o que lhes vai na mente. O pastor também irá ler e estudar sobre a natureza e comportamento da juventude. Terá, outrossim, um aguçado sentido para

observar como os jovens se relacionam com ele.

3. Seja coerente

A maior crítica dos jovens para com os adultos e líderes é a incoerência destes — pecado que eles captam muito rapidamente. O verdadeiro pastor praticará o que prega. Se ele fala sobre as leis do país e de sua importância, deverá mostrar consideração para com elas, guardando-as ele mesmo. Não deve dirigir a 100 quilômetros por hora, numa zona cujo limite é 80 quilômetros horários. O pastor não pede para os jovens fazerem uma coisa que ele mesmo se recusa a praticar.

4. Tenha energia

Os jovens, normalmente, são cheios de vigor, energia e vitalidade. Assim, é natural que queiram ver essas mesmas características em seu pastor. E ele demonstrará isso através do seu entusiasmo e de sua apreciação pelo seu próprio trabalho, e pela confiança no que está realizando.

5. Conheça a Jesus Cristo

Disse Jesus: “Eu sou o caminho...” Isso quer dizer que Ele é também o caminho para a juventude e o pastor. Se o pastor deve ajudar os jovens a conhecerem o Seu caminho, ele necessita primeiro conhecê-Lo. Essa realidade faz toda a diferença do mundo, no relacionamento entre os líderes e os jovens. Jesus afirmou: “Buscai em primeiro lugar o reino de Deus e a Sua justiça e todas estas coisas vos serão acrescentadas”. O sucesso de seu relacionamento com Ele pode ser um



dos requisitos mais importantes para um pastorado bem-sucedido.

6. Esteja em forma

O corpo é o templo de Deus e deveria ser mantido como um vaso de honra para que os Seus desígnios possam ser plenamente cumpridos. O pastor que se mantém em boas condições físicas será capaz de realizar muito mais em seu trabalho. Ele não apenas irá sentir-se melhor, mas também demonstrará aos jovens o quão importante a condição física é para a boa manutenção do seu templo.

7. Atualize-se

Os jovens desejam que seu pastor esteja atualizado no pensamento, no vestir e nas observações. Contudo, eles não querem que seu pastor chegue a extremos. Não desejam que ele use a sua linguagem. Não é necessário que tenha cabelos e barbas crescidos para conquistar o seu respeito. Os jovens querem que o pastor seja ele mesmo.

8. Saia da rotina

O pastor não cairá na rotina. Ele apreciará a mudança e a variedade em todos os aspectos das atividades da juventude. Usará sua influência para fazer com que os Encontros J.A., a Escola Sabatina dos Jovens e demais reuniões sejam conduzidas de maneiras variadas. Estudará o momento oportuno para apresentar novas propostas e introduzir mudanças nas atividades dos jovens.

9. Seja confidencial

Certa vez, uma jovem afirmou: "Eu não confio em mais ninguém." Tal declaração

muito freqüentemente é uma crítica às pessoas em posição de liderança. Os jovens necessitam de pastores nos quais possam confiar. Eles necessitam de homens e mulheres a quem possam ir e contar os problemas em confiança. Os pastores devem conquistar a sua confiança, se desejam continuar mantendo um relacionamento saudável com eles.

10. Enxergue o potencial da juventude

Um verdadeiro pastor conhecerá os jovens. Será capaz de compreender o potencial de cada um deles, e, então, se empenhará para saber como ajudá-los a desenvolver esse potencial. Manterá sempre diante deles as necessidades da Igreja e seu reclamo por sua vida. Também lhes falará sobre as necessidades de sua comunidade, e irá encorajá-los ao estudo em busca de preparo para darem o melhor de si mesmos a Deus e à humanidade.

Possivelmente, há outras qualidades que poderiam ser mencionadas aqui, mas as que foram enumeradas podem ser suficientes para uma reflexão pessoal e como uma base de estudos e preparação para um ministério eficazmente desenvolvido entre os jovens.

Se há uma outra qualidade, ela poderia ser encontrada nas palavras do apóstolo Paulo aos cristãos da Galácia: "Mas o fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio; contra estas coisas não há lei" (Gál. 5:22 e 23).

CELEBRAÇÕES EM 1994

- ★ Qual é o plano de ação de sua igreja para fortalecer as famílias?
- ★ Qual é o programa que sua igreja seguirá para evangelizar através das famílias?

150 ANOS DO CUMPRIMENTO DA PROFECIA DOS 2300 DIAS

- ★ Você acha que é preciso fazer ressurgir na sua igreja o espírito que inspirou os primeiros adventistas?
- ★ O que você espera, como pastor, para alcançar esse objetivo em 1994?

Especialmente para você

SUZANA SCHULZ
 Coordenadora da AFAM na
 Divisão Sul-Americana



Duas escritoras conversavam no saguão de um grande hotel. A mais jovem, sem poder disfarçar sua admiração pela outra, fez a seguinte pergunta: “Se você pudesse viver outra vez, que faria de sua vida?” Sem hesitar um instante, ela respondeu: “Buscaria algo suficientemente importante para me dedicar inteiramente.”

Essa resposta diz, de forma muito clara, que aquela mulher aclamada, lida e conhecida por milhares de pessoas, sentia que ainda lhe faltava algo. No quebra-cabeça de sua vida estava faltando uma peça, e essa ausência dava-lhe uma sensação de não ter vivido plenamente. Uma certa insatisfação que a acompanharia pelo restante de seus dias.

Querida esposa de pastor, você possui essa “peça do quebra-cabeça”, já que aceitou a oportunidade de oferecer-se por inteiro. Teve a possibilidade de encontrar algo suficientemente importante. O ministério de seu esposo, por vocação, passou sem dúvida a ser também o seu. Que privilégio poder entregar-se a tão magnífico serviço!

“Quando as mulheres crentes experimentam um senso de responsabilidade pelas almas... não considerarão nenhum sacrifício demasiado grande para ganhar almas para Cristo. E todo aquele que tiver esse amor

pelas almas é nascido de Deus; esses estão prontos a seguir-Lhe as pisadas, e empregarão os talentos... no serviço do Mestre” – *Evangélio*, pág. 466.

A esposa do pastor, “descansando em Deus quanto à

sabedoria e à força, pode ombrear com seu marido como conselheira, companheira e coobreira” – *Idem*, pág. 467.

Que maravilha é possuir essa “peça do quebra-cabeça”, pois servir produz alegria, e, graças a isso mesmo, podemos sobreviver num mundo hostil. Quem serve faz de sua jornada na Terra um benefício prazenteiro a si mesmo e a seus circunstantes. Uma viagem plena de sentido.

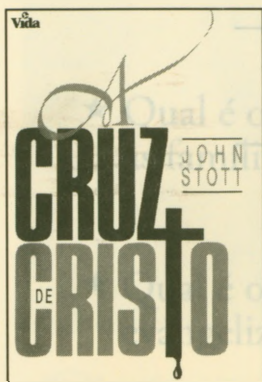
São muito conhecidas as seguintes palavras:

*“Dormi e sonhei
 que a vida era alegria.
 Acordei e vi
 que a vida era serviço.
 Servi e vi
 que o serviço era alegria!”*

Para que essas palavras sejam uma realidade em sua vida, como uma verdadeira pastora, dedicada e abnegada, ao lado de seu esposo, a revista *MINISTÉRIO* está incluindo uma seção de apoio, orientação, alento e ajuda. Aproveite-a.

BIBLIOTECA DO PASTOR

A CRUZ DE CRISTO



*John Stott,
Editora Vida; 350
páginas.*

Nesta obra, John Stott mostra, com base nos Evangelhos, como nosso Senhor entendia a cruz. Ele argumenta que o coração do significado da cruz é Cristo em nosso lugar. Demonstra o

que ela realizou, e então, na parte final, analisa o viver sob a cruz.

COMO DESCOBRIR E FAZER A VONTADE DE DEUS



*Garry Friesen e
Robin Marxson,
Editora Vida; 239
páginas.*

Tem Deus uma vontade perfeita para cada cristão?

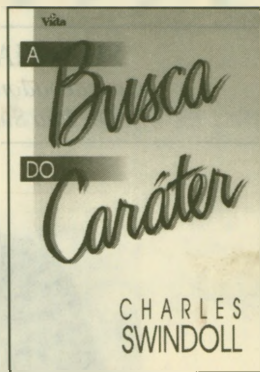
Se tem, como posso conhecer a vontade particular de Deus para a minha vida?

A vontade de Deus para mim

inclui meu cônjuge e minha carreira?

Friesen e Marxson, depois de analisarem as tradicionais opiniões e divergências a respeito de como podemos descobrir a vontade de Deus, rejeitam-nas como falhas e estabelecem em seu lugar um padrão firmemente alicerçado no ensino bíblico e apoiado nas experiências deles próprios e de dezenas de outros cristãos do passado e do presente.

A BUSCA DO CÁRATER



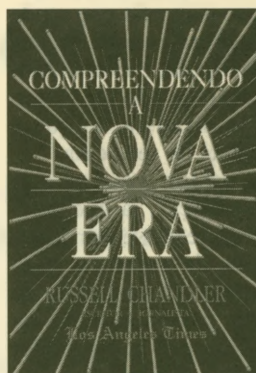
*Charles R.
Swindoll, Editora
Vida; 175 páginas.*

Esse livro lança você numa jornada de toda a vida – implacável procura de integridade e poder interior. Em 40 tocantes leituras devocionais, Swindoll chama de volta aos valores reais da vida:

honestidade, pureza, coragem, convicção, compromisso, sinceridade, determinação para amar, e uma fé profunda.

“Se não houver uma busca”, diz o autor, “a vida rapidamente se reduz a uma nódoa escura, mancha descorada, ou uma dieta monótona demais para arrancar a pessoa da cama, de manhã. A busca alimenta o nosso fogo... incita-nos a prosseguir.”

COMPREENDENDO A NOVA ERA



*Russel Chandler,
Editora
Bompastor;
420 páginas.*

O autor, escritor religioso do *The Los Angeles Times*, desde 1974, desvenda cuidadosamente os meandros do Movimento Nova Era. Jornalista há mais de duas

décadas, ele mapeou as correntes de muitas religiões alternativas. Suas reportagens são equilibradas e justas. Seus escritos são bem elaborados e temperados com humor.